

ELIZABETH COELHO DE FARIA

**PARTILHANDO EMOÇÕES E (RE) DESCOBRINDO
SENTIMENTOS: SURPRESAS E DESCOBERTAS NO
ENCONTRO DA CRIANÇA COM A LITERATURA
INFANTIL**

**CAMPINAS
2001**

ELIZABETH COELHO DE FARIA

**PARTILHANDO EMOÇÕES E (RE) DESCOBRINDO
SENTIMENTOS: SURPRESAS E DESCOBERTAS NO
ENCONTRO DA CRIANÇA COM A LITERATURA
INFANTIL**

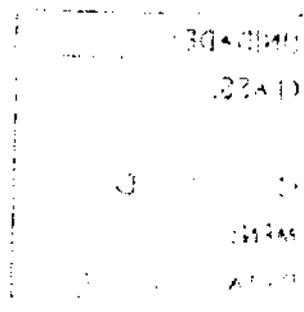
Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como exigência parcial
para conclusão do curso de Pedagogia
da Faculdade de Educação UNICAMP
sob orientação dos professores Ana Luiza B. Smolka
e Ezequiel Theodoro da Silva.

**CAMPINAS
2001**

Orientador: Profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka

Co-orientador: Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva

Profa. Dra. Norma Sandra de A . Ferreira



**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gilденir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

F225p Faria, Elizabeth Coelho de.
Partilhando emoções e (re)descobrimdo sentimentos : surpresas e descobertas no encontro da criança com a literatura infantil / Elizabeth Coelho de Faria. -- Campinas, SP : [s.n.], 2002.

Orientador : Ana Luiza Bustamante Smolka.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura Infantil. 2. Educação de crianças. 3. Leitura. 4. Leitores – Formação. I. Smolka, Ana Luiza Bustamante. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

02-0155-BFE

Dedico esse trabalho à minha avó Bertha, já há algum tempo longe mas sempre perto do coração, que me ensinou a importância de um livro e fez com que me apaixonasse por eles. Pelos sentimentos que me mostrou; pelas emoções que nos fez, e ainda faz, sentir; pelos livros que são eternos.

Dedico, ainda, àqueles que a estes livros dão forma, cor e vida.

E por fim, àqueles que encontram no livro um amigo, uma possibilidade de sonhar, aprender, rir ou chorar.

AGRADECIMENTOS

Às professoras Marlei e Regina com quem dividi as emoções e os medos de “me experimentar” professora;

À prof.a. Ana Luiza com quem dividi aflições e, principalmente, indecisões;

Ao Prof. Ezequiel que me ajudou encontrar um “rumo” a seguir;

À prof.a Norma por ter aceito ser a segunda leitora;

Aos meus pais, meu irmão e amigos que sempre torceram por mim;

Às amigas com que caminhei esses cinco anos e dividi alegrias e tristezas;

Ao meus alunos por aceitarem fazer parte deste trabalho;

À escritora Fernanda Lopes de Almeida por sua simpatia;

À Zais e à Eliana por me ouvirem;

E a todos que em algum momentos estiveram ao meu lado me apoiando.

**PARTILHANDO EMOÇÕES E (RE) DESCOBRINDO SENTIMENTOS:
SURPRESAS E DESCOBERTAS NO ENCONTRO DA CRIANÇA COM A
LITERATURA INFANTIL**

ELIZABETH COELHO DE FARIA – RA. 970585

Faculdade de Educação – UNICAMP

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Luiza B. Smolka

Co-orientador: Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva.

Segunda leitora: Profa. Dra. Norma Sandra de A. Ferreira

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo se aproximar da literatura infantil tomando-a como objeto de estudo e investigação, primeiramente, identificando qual seu papel na relação que estabelece com o leitor. Entendendo a literatura como uma obra de arte que “abre portas” para que a criança conheça e explore o mundo que a cerca, fez-se necessário dedicar uma atenção especial para a relação obra-criador promovendo uma interlocução com uma escritora de livros infantis (Fernanda Lopes de Almeida), identificando a literatura como uma forma de significar o mundo através da “mistura” fantasia-realidade. A afetividade foi o tema escolhido para a análise, mais especificamente, tentou-se identificar como uma escritora fala às crianças sobre sentimentos e emoções através de seus livros. A discussão foi baseada nos pensamentos de Vygotsky e Wallon, que conferem ao ambiente social uma responsabilidade significativa na constituição da personalidade da criança e no seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. Tudo o que é compartilhado socialmente torna-se parte do indivíduo. A literatura é uma forma de trocar experiências e falar sobre a vida. Contudo, investigação não se resumiu a análise de exemplares da literatura infantil a fim de identificar como a escritora falava de sentimentos e emoções às crianças; o encontro destas com os cenários e as personagens das histórias infantis revelou que posturas a criança pode tomar perante um livro e que leitura ela pode fazer faz da fala do escritor.

“Eu não seria quem sou se não tivesse lido os livros que li.”
(Ana Maria Machado)

SUMÁRIO

Introdução	01
SOBRE LEITURA E LITERATURA	
1. Um mosaico de informações.	07
1.1 Óculos da leitura: Por que lemos ?	09
1.2 O texto em suas relações.	12
1.3 Muito prazer em conhecer !: uma possibilidade de interlocução com a escritora.	15
1.4 Uni, duni, tê: conhecendo e escolhendo os livros.	18
1.5 “E fez-se a história: reinventando o mundo, criando uma nova realidade, unindo fantasia e verdade.	20
1.6 Um ser de imagem entre a fantasia e a realidade: a personagem	24
SOBRE EMOÇÕES E SENTIMENTOS	
2. Arte que transforma, possibilita, ensina...	32
2.1 Sentimentos, emoções e palavras.	33
CRIANÇA E LITERATURA	
3. Delícias e surpresas do encontro da criança com o mundo do “faz de conta”.	41
3.1 O frio da Margarida.	44
3.2 Mimi com eu.	50
3.3 Ser Janjão ou ser Pinote ? Eis a questão ?	53
Mais algumas palavras.	58
Referências	59
Anexos	62

Introdução

Era uma vez uma garota muito curiosa e com muita vontade de aprender. Um dia, cheia de medo do que não conhecia, ela encontrou uma professora apaixonada pelo seu trabalho e uma turma de crianças alegres e sonhadoras, que se tornaram parte de sua vida para sempre. A garota queria muito aprender como era o mundo de quem ensina e também de quem aprende. Afinal que mistérios poderiam ali existir? Começou, então, sua aventura pela terra do “fazer”...

O meu primeiro contato concreto com um trabalho de literatura infantil, vivido com maior proximidade, foi num estágio realizado numa sala de alfabetização no ano de 1999. Durante todo o ano acompanhei o trabalho da professora, que sempre me deixou muito à vontade, dando-me espaço para interagir com os alunos e contando detalhes do seu trabalho. Uma das oportunidades que ela me deu foi a de organizar a pequena biblioteca da sala com a finalidade de iniciar um projeto de incentivo à leitura à medida que as crianças iam progredindo no aprendizado.

O primeiro passo foi selecionar os livros que estavam em melhores condições de conservação e restaurar os danificados. Depois, estes foram organizados com a preocupação de separar os com textos mais simples dos com textos mais complexos, para que não cometêssemos o erro de permitir que uma criança perdesse o gosto pela leitura por ter escolhido um livro que exigisse dela uma habilidade de leitura que ainda não havia desenvolvido. A sugestão foi dada pela professora que pediu, contudo, para que eu não fosse tão rígida neste aspecto, pois deveríamos considerar também outros elementos do livro que permitem leitura, tais como as ilustrações.

A próxima fase foi a organização de fichas de leitura para cada aluno, para que desse modo tivéssemos um controle dos livros que eram emprestados, e da leitura feita por cada criança. Outro fator importante foi o de despertar na criança a

responsabilidade pelos livros que ficavam com elas. Dessa forma, ela me incumbiu da tarefa de toda semana recolher os livros lidos e emprestar outros às crianças.

No início do projeto, a professora pedia que cada criança fizesse um desenho da leitura que havia feito, mas este não podia ser “copiado” dos livros. Teria que ser um desenho bem criativo e relacionado com a história lida.¹ Os empréstimos dos livros começaram mesmo antes das crianças estarem alfabetizadas; isso, de certa forma, as incentivava a dedicar-se mais para lerem sozinhas as histórias escolhidas livremente.

Como a professora havia previsto, algumas crianças se desanimaram com leituras de textos mais complexos, por isso incentivá-las a procurar outro livro e a não desistir foi fundamental. Quando aquela leitura, que foi difícil certa vez, conseguia ser feita com sucesso, o orgulho de si era evidente nos olhos das crianças. As atividades de alfabetização tiveram, neste programa de leitura, um apoio muito significativo, pois o projeto de certa forma as justificavam.

As crianças se envolveram com o projeto de leitura de tal forma que havia “disputa” por certos livros. Elementos dessas leituras apareciam nas atividades diárias, e até em conversas informais com as crianças, suscitando temas que pouco conversávamos. A leitura passou a fazer parte do cotidiano escolar das crianças e também levada para casa com o intuito de incentivar a participação dos pais no processo de alfabetização. Apareceram sugestões para outros livros que não existiam na biblioteca de sala, os desenhos foram evoluindo e frases iam sendo criadas sobre cada leitura, revelando o ritmo de cada criança, suas dificuldades e até desejos pessoais. Isto tudo possibilitou à professora conhecer melhor as crianças e programar atividades que atendessem mais aos seus interesses.

Agora aquela garota já não tinha tanto medo, mas a vontade de aprender continuava ali no fundo, cutucando como coceira. Ela percebeu que para saber mais seria preciso continuar se aventurando na terra do “fazer”. Foi quando encontrou outras crianças, outra professora, que

¹ Ou ouvida, pois no início as crianças ainda não tinham domínio do código de leitura, e incentivava-se que os pais ou pessoas mais velhas lessem para elas as histórias, estimulando dessa forma o gosto pela leitura.

gostava muito de cantar: “e agora minha gente uma história eu vou contar. Uma história bem bonita, todo mundo vai gostar ...” e encantar com suas histórias.

Este interesse pelo mundo da fantasia não foi diferente com crianças da pré-escola. Numa outra oportunidade, com crianças de 2 a 6 anos de uma escola particular de educação infantil na qual fiz um estágio durante os anos de 1999 e 2000, as rodas de leitura eram um sucesso. Histórias que falavam de relacionamentos, natureza, ciências, fatos passados da trajetória humana e fantasia eram muito apreciadas pelas crianças. As histórias apareciam de várias maneiras: nos livros e em suas ilustrações, no teatro de fantoches, contadas pela professora ou ouvidas em fitas K-7. Em função da especificidade da idade, o conteúdo das histórias girava mais em torno de sentimentos, comportamentos, valores, etc. Isto, por esta faixa etária ser uma fase importante na socialização e no conhecimento de mundo da criança. E percebi novamente que o conteúdo dessas histórias podia passar a fazer parte do modo de pensar e agir das crianças, o que podíamos observar nas brincadeiras em grupo, nas conversas com os pais que relatavam novas atitudes por parte das crianças.

No convívio com crianças pequenas, percebi que a manifestação emocional é um dos primeiros recursos usados pela criança na interação com o outro, tal qual coloca Wallon. (Galvão, 1995) A afetividade estará presente em toda e qualquer relação que um indivíduo estabelecer, seja no seu meio familiar ou na escola. As experiências concretas vividas num ambiente escolar contribuem para a constituição do “eu” da criança, bem como as experiências imaginárias, advindas da fantasia, conforme pude observar nas rodas de leitura. Isso fez com que eu prestasse mais atenção na forma como a literatura afetava as crianças. Será que afetava mesmo ?

O conteúdo “sentimental” que as histórias veiculavam passou a ser elemento importante à formação de conceitos e valores para as crianças que as ouviam. Dessa forma, o atentar para o modo como esses sentimentos são abordados em histórias infantis levou-me a pensar se esta forma de apresentação não iria influenciar na configuração dos sentimentos pelas próprias crianças. Ou seja, até que ponto uma história que provocasse emoções, descrevesse sentimentos, mexesse com o

imaginário das crianças influenciaria no modo dela encarar o mundo e as relações que nele se estabelecem. Ainda, como o modo de falar sobre as relações de amizade, por exemplo, afetaria as crianças. Ou não afetaria ? O desejo de observar como esse assunto aparecia nos livros infantis foi se tornando cada vez maior.

Como na terra do “fazer” ninguém fica parado, aquela garota de que estamos falando resolveu fazer uma viagem pelo mundo das histórias e aprender mais com elas. E ela descobriu que a cada mistério desvendado, a cada descoberta feita ela ficava mais feliz. Mas sua grande descoberta foi sentir que ninguém mais poderia lhe tirar o que havia conquistado, e que isso era o mais belo de ser curiosa e aprender.

E aquela vontade de saber mais levou-me a idealizar um trabalho que pretendesse discutir, a partir da análise de alguns exemplares da literatura infantil, a forma como os sentimentos são tratados pelos autores.

A oportunidade de ter notado, no convívio com as crianças, que as histórias ouvidas ou lidas podem passar a fazer parte do seu modo de ser, levou-me a atentar para a importância delas no processo educativo. Seja para ensinar, para aguçar a imaginação, encantar, divertir, as histórias infantis podem ter um papel significativo na vida da criança. Tendo sido educada na década de oitenta, quando as discussões que colocavam a literatura como meio para se chegar a uma educação de qualidade atingiam seu ápice, não poderia deixar de lado essa importância da literatura na vida da criança. Fui educada ouvindo que o livro poderia ser o meu melhor amigo, que a literatura me faria chegar longe. Será mesmo o livro capaz de tomar o lugar dos meus melhores amigos ? Seria justo colocar tanta responsabilidade nas páginas dos livros ?

A literatura é realmente um bom recurso a ser utilizado no desenvolvimento do trabalho pedagógico, ela representa uma visão de mundo específica, convida a criança à fantasiar. E o educador, por sua vez, se vê diante a um dilema: que livro escolher? O que tem qualidade ou não ? Que histórias encantam mais as crianças?

Muitas vezes ele espera da literatura uma resposta que ela não tem, uma situação que ela não pode criar.

No que diz respeito à afetividade, é muito importante o modo com lidamos com determinados assuntos, pois a forma de pensar e o sistema de conceitos nos são trazidos pelo ambiente em que vivemos, e isso inclui os sentimentos. Os sentimentos podem ser percebidos quando manifestados, quando são nomeados ou quando nomeamos essas manifestações de acordo com o que pensamos delas. E mesmo assim podemos cometer enganos: nem sempre o que vemos é o que realmente sentimos. A literatura fala das coisas do mundo, de sentimentos, de emoções, de valores, traz informações conhecidas e desconhecidas; quando interfere no modo de pensar do leitor, o que ela provoca ?

Um estudo nessa direção poderá contribuir para a compreensão dos sentimentos no ato de pensar, procurando amenizar a dicotomia que muitos fazem entre o aspecto cognitivo e o afetivo da criança, tentando dessa forma compreendê-la de modo mais abrangente. A análise de exemplares da literatura infantil possibilitará colocar em evidência elementos que muito provavelmente estarão sendo usados na formação de idéias sobre o que nossos alunos sentem, sobre o que os faz rir ou chorar, enfim sobre o mundo.

A literatura pode ser uma “porta de entrada” para a cultura que cerca a criança, pode ser também um veículo eficiente para “viagens” em outras culturas. E a leitura dela permite o conhecimento e o reconhecimento de sentimentos e emoções humanas por parte do leitor, que pode compreender e até sofisticar os próprios sentimentos. Dessa forma, um texto literário passa a ser extremamente importante, pois além de fonte de prazer é também fonte de informação, é uma forma de conhecer o mundo sob o ponto de vista de outra pessoa: o escritor. Como pode ser um encontro da criança com as palavras ? Como estas palavras podem afetar o modo de pensar das crianças, mexem com seus sentimentos e provocam suas emoções ?

SOBRE LEITURA E LITERATURA.

“Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo.”

(Silva, 1984, p. 45)

1. *Um mosaico de informações*

O que há ou vem sendo produzido sobre literatura e emoção, literatura e afetividade, livros, leitura e sentimentos ? Talvez encontrar algum trabalho que aproximasse literatura, sentimentos e emoções fosse um ponto de partida. O universo escolhido para essa busca foi o da *Revista Leitura: Teoria e Prática*, por ser uma publicação especializada em leitura e literatura, e por há 19 anos divulgar trabalhos na área.

Através de um levantamento em 34 de seus números publicados, foram encontrados muitos artigos sobre trabalhos realizados com leitura e literatura, mas nenhum que tratasse da forma como os sentimentos são abordados na literatura infantil, em específico. Contudo, esse levantamento contribuiu em outros aspectos: pude encontrar trabalhos que revelam a importância da criança escolher o que quer ler, da leitura ser prazerosa. Outros que falavam dos vários elementos passíveis de leitura de um livro, ou como o autor se relaciona com seu texto, bem como trabalhos que falavam diretamente do leitor, do ato de ler e como uma criança se torna leitora. Vários temas foram encontrados; selecionei aqueles que acredito contribuirão para o enriquecimento da problemática em pauta.

Em “Círculos de Leitura: teorizando a prática” de Eliana Yunes², é colocado que um início prazeroso à leitura depende do contato com livros desde a primeira infância: no ambiente familiar, por exemplo, seja manuseando livros próprios para a idade, seja ouvindo as histórias. Esse costume de contar histórias vem desaparecendo devido ao ritmo de vida que as mães são obrigadas a adotar. As avós geralmente trabalham e não cuidam mais de seus netos como se fazia antigamente, tempo em que juntos podiam viajar pelo mundo do “faz de conta”. E nem sempre as escolas de educação infantil, que assumiram esse papel de “contadoras de histórias”, valorizam os momentos de leitura como deveriam.

² *Leitura: Teoria e Prática*, no. 33, p. 17-21, Jun/1999.

Segundo a autora, a oralidade no ato de contar histórias exige uma certa intimidade, o segredo está em compartilhar as emoções “vivas” com a leitura. Este ritual, de certa forma, prepara a criança para a escrita; por isso, as chamadas “rodas de leitura” são tão importantes nas instituições de educação. As rodas de leituras resgatam o gosto pela narrativa, guiadas por um narrador-guia. O objetivo é incentivar a descoberta de cada leitor sobre o seu potencial de leitura. Um ambiente agradável, que proporcione o diálogo entre todos os participantes da roda, é fundamental. Desta forma, a leitura proporciona uma experiência de narração, de criar histórias e também exercita o movimento de ouvir.

A leitura deve ser escolhida com liberdade pela criança, é o que defende Elias José no artigo "Literatura infantil: opção ou imposição"³. Impor sempre uma leitura para a criança é exigir que ela caminhe com nossos passos de adulto, é limitar sua possibilidade de sonhar. Segundo o autor, o livro é fruto de fantasias, emoções, sonhos e sensibilidade solta; por isso, não deve aprisionar o leitor. A literatura tem o poder de veicular idéias sem fazer “panfletismo”. Ela questiona, rompe valores, derruba tabus. E na magia de ver, indagar, comparar, estabelece-se um diálogo, não só do leitor com o texto, mas também dele com a realidade. O prazer de ler pode gerar uma maior vontade de entender o mundo.

O prazer de ler é também abordado no artigo "O prazer de escrever textos infantis", de Neide Medeiros Santos⁴ e ganha mais espaço no artigo "Encantamentos e delícias: a criança em contato com a literatura infantil", de Inês Ap. Silva Mobrício⁵, que traz, além deste assunto, o humor na literatura infantil. Este deve fazer parte do repertório da criança, pois também possibilita um novo modo de ver as coisas. A poesia contida no texto infantil tem poder de encantar, traz em suas rimas sensações, sonhos, emoções, sentimentos, que sensibilizam a criança. Ressalta ainda que a leitura também é fonte de informação e só atrai a criança se permite que esta interfira no que lê.

³ Idem, no. 10, p. 3-4, Dez/1987.

⁴ Idem, no.10, p. 18-20, Dez/1987.

⁵ Idem, no. 15, p. 44-46, Jun/1990.

Luis Camargo, em "O livro infantil brasileiro: arte para crianças"⁶, fala daqueles outros elementos que permitem leitura além do texto: as ilustrações. A galeria de imagens de um livro permite o jogo de ver e rever. O livro tem papel de "Casa de cultura" portátil, leva imagem, histórias, é palpável, diferente das obras de arte expostas em museus. Contudo, as imagens de um livro não devem ser comparadas com as de um quadro, que falam por si, mas devem "comungar" com o texto, ter um ritmo, um movimento que perpassa todo o trabalho. As imagens não explicam o texto: dialogam com ele.

Essas idéias se juntam compondo um mosaico de informações que auxiliam na observação e análise dos exemplares da literatura e norteiam um olhar, na medida em que fornecem dados para uma análise mais refinada, para que se entenda melhor o universo da literatura infantil.

1.1 *Óculos da leitura: Por que lemos ?*

Um livro ganha vida na relação que as pessoas com ele estabelecem, seja esta pessoa aquela que o criou, sejam aquelas com as quais dialoga. Conhecer o universo da literatura infantil implica visitar terrenos como o de sua produção, o de sua leitura e atentar para as relações que se estabelecem neste contexto.

Zilberman e Silva (1990) fazem uma discussão muito importante sobre a função educativa da literatura. Se recorrermos às suas origens na Grécia, veremos que a literatura, além de divertir, também era veículo de circulação das histórias, dos costumes, de perpetuação das histórias do povo. Dessa forma, cumprindo um caráter comunitário e público, mas sob a forma de poesias, a literatura utilizou (e utiliza, atualmente) uma matéria-prima que vem do íntimo de quem a compõe, revelando, dessa forma, a sua natureza particular. Na instituição escolar a literatura permaneceu com seu caráter público, tornando obrigatória por representar a forma culta da língua nacional.

⁶ Idem, no. 15, p. 3-4, Jun/1990.

Contudo, esse posicionamento com relação à literatura tem sido criticado pelo fato desse tipo de linguagem não atender a todos os grupos sociais de uma nação. Os grupos populares, por exemplo, têm uma linguagem própria diferente da abordada pela literatura clássica. A escola privilegia apenas um tipo de linguagem que lhes é estranha e deixa de lado uma literatura que diz respeito à sua realidade, que retrata seu modo de viver, o que pode gerar desinteresse pelo ato de ler. A literatura não tem mais somente a função de transmitir um patrimônio construído, mas também a de formar o leitor, e isso só será possível se houver comunicação dela com aquele que lê. A afinidade precisa ser tanto externa, no domínio do código, como interna, no que diz respeito à subjetividade. Pela leitura de massa, por exemplo, podemos caminhar para a leitura clássica, que é importante, mas também o é identificar os clichês embutidos nos romances de banca de jornal, nos romances de autores populares e regionais, etc. Afinal, muitos têm afinidade com esse tipo de leitura, que tem também o propósito de divertir. (Suassuna, 1998)

A tradição de leitura no Brasil sempre foi cultivada num pequeno círculo: primeiro pelo fato de o material impresso ser de difícil acesso quando surge a imprensa; depois devido ao advento do rádio, televisão e cinema (meios de comunicação diretos) as pessoas se afastaram do livro, ou por interesse, modismo, ou mesmo por praticidade. Contudo, vale ressaltar que esses meios diretos de comunicação também se apoiam em materiais escritos: a tv inspira-se em obras literárias, bem como o cinema. Exercem também um importante papel no que diz respeito à circulação de conhecimento, pois atingem um grande número de espectadores. Porém, são meios de comunicação muito mais suscetíveis a servirem uma elite com o objetivo de formar opiniões, pelo fato de permitirem pouca escolha. Ou seja, veiculam mensagens efêmeras e redundantes permeadas por um controle comercial e ideológico imposto pelo produtor ou pela censura, como coloca Silva. (1984)

O universo de livros é muito maior do que o universo de programas de TV ou de filmes, podendo existir exemplares que fogem à regra e possibilitam diferentes leituras. Estas contribuem ampliando o repertório de idéias do leitor, permitindo comparações e confronto dessas idéias. Frente aos materiais escritos o leitor tem

mais possibilidades de escolha e as leituras podem ser variadas e interpretadas inúmeras vezes.

Essa maior variedade e menor censura, observada nas obras literárias, possibilita ao leitor uma bagagem de conhecimento que amplia e diversifica sua comunicação com o mundo. Assim, afirma Silva (1984), que:

“(...) a aquisição de novas informações e a conseqüente expansão de horizontes de leituras ecléticas vão se tornar instigadoras de diálogos mais freqüentes e de comunicações mais autênticas. Neste sentido ler é realmente participar mais crítica e ativamente da comunicação humana.”(p.41)

Podemos dizer que um texto une a racionalidade da linguagem com a imaginação e a fantasia do sujeito que a produz. Provoca no leitor a fantasia, por lidar com o imaginário e suscita um posicionamento intelectual, por se fazer reconhecer na literatura o mundo real. “Por mais distanciado que esteja do cotidiano, o texto leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências” (Zilberman e Silva, 1990, p.19). Isso tudo deve-se ao fato de a literatura revelar as relações humanas que dinamizam o mundo cultural, isto por ela ser um encontro entre o homem e o meio sócio-cultural. A produção literária pode ser encarada de fato como “(...)uma emersão do homem do processo histórico”, a qual revela uma intenção e “reflete o humano”. (Silva, 1984, p.41)

O ato de ler faz parte da construção de nossa identidade. Se somos um pouco do que vivemos, do lugar em que vivemos, das pessoas com quem vivemos, então também somos um pouco do que lemos. Um texto bem elaborado pode nos fazer perguntar: quem somos? Como somos? Isto, por estimular nossa fantasia e nos provocar a ver os fatos de outra maneira, e com isso ajudar a desenvolver um novo olhar sobre a realidade. Não só um olhar objetivo, racional, mas também um olhar poético, banhado por emoções, mais equilibrado.

A leitura nos permite muitas vezes a ida para outras realidades, fazendo com que passemos a ver a vida de outra forma ou com mais elementos do que antes.

Lemos um texto científico para a produção de conhecimento, e lemos um texto por puro prazer, mas também aprendemos com ele. Alguns personagens passam a ser nossos “amigos”, ou passam a fazer parte de nós. Entender que esses seres ocupam uma lugar significativo na composição de nosso comportamento é fundamental para que a leitura seja saudável. Ler deve ser um ato que acrescente ao ser humano. Lemos para ser mais, para chorar, para rir, para aprender, para sonhar, para nos informar, para conhecer um mundo talvez nunca antes explorado. Ler significa ir além de si, dos códigos decifrados. O que lemos tem o poder de fazer parte de nós.

1.2 *O texto em suas relações.*

Para se aproximar da literatura enquanto objeto de estudo e investigação sistemática, é preciso conhecer um pouco sobre como se dá o processo de sua elaboração, ou mesmo como alguns pensadores se posicionaram perante a relação “obra - criador”.

Percebo, como o faz Bragatto Filho (1995), que o texto literário possui lacunas que permitem o preenchimento por parte de leitor. Não é um texto acabado; por isso, permite um diálogo, o qual é fruto do trabalho estético do escritor, e que permite uma troca entre as duas partes. Isso abre a possibilidade para o leitor fazer questionamentos sobre o que lê e posicionar-se expressando opiniões.

Uma história pode ser pura ficção ou a fantasia que a envolve pode ter suas raízes em problemas vivenciados pelo autor. A fantasia criada por um escritor pode ser uma forma dele próprio chegar a um entendimento de suas dificuldades, e assim fazer com que o leitor também se identifique com tais dificuldades.

Nada melhor, para discutir literatura, do que tomar como referência um estudioso apaixonado por essa arte e que, em seus estudos, reuniu informações que nos servem de subsídio para a articulação do estudo da literatura com o estudo das emoções. Ele nasceu em Orsha, província próxima a Minsk, no dia 5 de novembro de 1896. Foi o segundo de oito filhos, teve pais com bom nível de instrução e situação financeira, o que possibilitou-lhe a oportunidade de graduar-se em história

e filosofia, e ainda cursar direito. De origem judaica, sempre teve interesse por sua cultura e folclore, e uma grande paixão por literatura. Na adolescência começou a estudar *Hamlet* de Shakespeare e desse seu estudo resultou a sua dissertação de mestrado, na qual iniciou um trabalho em que procurou discutir problemas da crítica das artes e da literatura, da estética e da psicologia da arte. Lecionou em cursos preparatórios para pedagogos, trabalhou para editoras e até no departamento de teatro de sua cidade: Gomel. Seu nome é Lev Semyonovich Vygotsky, grande colaborador da escola russa de psicologia, com estudos sobre a gênese dos processos psicológicos humanos no contexto histórico-cultural.

Tomemos o trabalho de Vygotsky sobre a obra de Shakespeare, como exemplo: *Otelo* representa o ciúme, fala de ciúme à humanidade. Mas não “fala” simplesmente. Shakespeare, quando compôs *Otelo*, pretendia falar do ciúme como uma coisa extrema, passional. Por isso, primeiramente, chegou a um entendimento do que era esse sentimento para si próprio para que depois lapidasse *Otelo* e, dessa forma, pudesse dizer o que pretendia através dele. Ler *Otelo* é compartilhar com ele seu ciúme. É também compartilhar os sentimentos e dividir emoções com Shakespeare que, em seu trabalho, com a forma que deu a sua obra, toca cada leitor de forma muito particular.

Vygotsky defende a idéia de que a arte envolve emoção e lirismo em sua criação, assim como também envolve certos conhecimentos científicos. Seu conteúdo pode ser extremamente emotivo, mas, para que a percepção dessa essência seja sensível àquele que a aprecia, é preciso que a forma seja adequada. É esta forma que sugere uma emoção à obra de arte, o que faz com que aquele que a aprecia se aproxime ou não dela. No caso de um texto literário, o leitor, ao ler, acrescenta algo que tem relação com sua experiência de vida, sua fantasia, o que de certa forma completa o trabalho do autor. Mas, segundo Christiansen, (apud Vygotsky) isso será possível somente se o artista permitir, ou se ele com sua forma de constituir a obra “orientar” a fantasia do leitor, aguçando a imaginação, tornando possível a interação “obra - leitor”. (1999, p.54)

Toda essa discussão é feita por Vygotsky no texto que hoje conhecemos como Psicologia da Arte, cujo o foco central de discussão é a estrutura psicológica da

mensagem. O autor afirma que um estudo dos processos psicológicos que levam à criação de uma mensagem estética é impossível. Isso exigiria uma reconstrução dos processos consciente e inconsciente do artista, o que é muito complexo, e até inviável. O que é possível fazer, e o que nos dá indícios de como ocorre o processo de criação, é analisar a própria mensagem do artista. Como destaca Van Der Veer e Valsiner (1997, 36), a estrutura da mensagem artística indica a direção do desenvolvimento de um determinado tipo de sensação, e não outro, no receptor.

Uma outra contribuição importante do teórico russo é o que ele tem a dizer sobre a forma como uma obra literária é recebida (relação arte-receptor). De nada adianta saber sobre o processo de criação (relação obra-criador), se não pensarmos em como essa criação é percebida pelo outro. Se pretendemos tomar a literatura infantil como objeto de estudo e investigação, é importante que tenhamos uma idéia de como ela pode ser percebida por seus leitores, e também o que é fazer uma crítica, um comentário acerca de um texto literário. Não é mais somente importante a produção literária e a forma como essa produção se apresenta; talvez mais importante seja refletirmos sobre como uma obra literária é percebida por seus leitores.

Cada indivíduo reage à arte a sua maneira, mas sempre algo comum é percebido. Ou seja, cada um interpreta um texto literário segundo sua história da vida, ou seu contexto social, mas sempre terá algo que todos percebem; estejam onde estiverem, vivendo como estiverem. Algo que é evidenciado pela estrutura do texto literário. Dessa forma, uma crítica não pode ser tomada como explicação do texto, é muito subjetiva e fortemente contextualizada pela história daquele que a profere. Contudo, não deixa de ser uma leitura ou de dar indícios de como o texto é percebido num contexto social.

A literatura pode ser fonte de informação e conhecimento. Pode ser também fonte de paixão, sedução, afeto. O modo como ela é abordada e trabalhada na escola (sua relação com o leitor), certamente contribuirá para o seu estatuto como tal. Reduzida a leituras obrigatórias e fichas de compreensão, ela muito provavelmente não afetará os alunos na sua dimensão literária.

O texto literário pode ser considerado uma “obra de arte aberta”, por recriar o que já existe, por ter o poder de penetrar na vontade, na incerteza, nos desejos e sentimentos humanos, o que faz de forma extremamente sutil. Um texto não se encerra em si, ele se completa na relação com o leitor. Perceber que um livro infantil é uma forma de “abrir portas” para que as crianças possam conhecer o universo cultural dos homens, faz-se necessário ao educador. Este pode ter o livro como um importante aliado na tarefa de educar, não só procurando na literatura um instrumento que o auxilie a explorar e manter a língua em exercício ou tomando-a como meio de acesso a nosso patrimônio coletivo, mas também buscando na literatura uma forma de colocar-se em confronto com a vida, encontrando um meio de vê-la sob um outro ponto de vista: o do escritor.

1.3 Muito prazer em conhecer !: uma possibilidade de interlocução com a escritora.

A vontade de conhecer um pouco mais sobre o universo do escritor sempre esteve viva em mim. Minha avó paterna foi quem me alfabetizou, não pelos métodos que hoje defendemos, mas com a cartilha “Caminho Suave”, a qual ensinou-me que a “Vavá viu a uva”. Mas o método utilizado por minha avó não deixou de lado a importância do objeto “livro” no meu processo de aprendizagem. E isso, hoje, me faz entender, como bem colocou o professor Mário Sérgio Cortella⁷, que um bom livro não é bom sempre, em qualquer lugar ou para qualquer pessoa. O sucesso para qualquer trabalho promovido com um livro depende muito da forma como esse trabalho é conduzido ou, podemos dizer, mediado. No meu caso, sempre havia um livro diferente a ser lido, mesmo que isso significasse apenas apreciar as figuras. Eram livros pequenos, grandes, dicionários, enciclopédias, até livros de receitas. Com isso, desde muito cedo, tomei gosto pela leitura e uma grande paixão por livros, mesmo que fosse apenas para tê-los sem a obrigação de ler. E, aos poucos, fui aprendendo a escolher do que gostava mais de ler e o que lia apenas por obrigação. Quando gostava queria conhecer mais e foi assim que fui me interessando também por aqueles que escreviam aquelas histórias que passavam a fazer parte de minha vida.

⁷Por ocasião da conferência de abertura do 13º COLE, julho/2001.

O primeiro contado com um escritor foi através de um projeto do colégio em que estudava, que, por ocasião do tema “ecologia”, convidou o escritor Ignácio de Loyola Brandão para fazer uma tarde de autógrafos de seu livro “Manifesto Verde”, para os alunos. E lá fui eu conhecer como era uma pessoa que escrevia livros, sem ter lido o livro ainda e, portanto, sem saber se gostaria ou não da história. Fiquei com medo de falar com ele, tanto que, quando ele me perguntou qual era o meu nome para autografar o livro, eu fiquei calada, até que ele perguntou novamente e eu respondi. Saí de lá um tanto estranha: havia percebido que aquela pessoa que escrevia livros era como meu pai ou meu avô, enfim uma pessoa comum. Ele escreveu em meu livro: “Elizabeth, amizade enorme, Loyola”.

Depois tomei coragem e, após ler “E agora, mãe?”, de Isabel Vieira, escrevi para a autora do livro falando do quanto havia gostado e aprendido com o livro. Isso só foi possível porque no final do livro a editora nos convidava a escrever para a autora, indicando um endereço específico. Quando eu recebi a carta resposta dela⁸ me senti uma das pessoas mais importantes do mundo. Ela me disse que havia ficado muito feliz de saber que eu havia gostado de seu livro, e que era daquilo que os escritores mais gostavam. E mais, ela assinava “Uma grande abraço e todo carinho da amiga *Isabel Vieira*”, aquilo foi muito bom. Eu me senti realmente sua amiga.

Agora, na faculdade, eu teria a oportunidade de falar sobre escritores e conhecer um pouco mais. Talvez por isso, na trajetória de construção do meu projeto de pesquisa, eu tenha optado por tomar como objeto de pesquisa o livro de literatura infantil. O desejo de estudar sentimentos e emoções sempre esteve em minha mente, só que de maneira obscura, sem definição. Eu tinha como objetivo central encontrar um tema pelo qual eu me apaixonasse e me envolvesse: o assunto desejado como tema central do trabalho era algo que se relacionasse com sentimentos, ou emoções. O primeiro passo foi buscar no projeto teórico de Henri Wallon (1879-1962) o papel das emoções no desenvolvimento humano. Esse estudo foi muito significativo, pois serviu como ponto de partida para um estudo sobre o tema, e se mostrou mais tarde um conhecimento extremamente importante para a trajetória escolhida.

⁸ Vide Anexo I.

Ter conhecido o trabalho de Luciana Pereira⁹, o qual relatava uma experiência com literatura infantil, levantando questões como: o papel da literatura na formação do homem, se ela educa ou não, fez-me pensar em algo que aliasse sentimento e literatura infantil. A partir disso, enveredei por caminhos que me levaram a refletir sobre a importância e a necessidade que temos de fantasia. Mais que isso, comecei a questionar a forma como essa fantasia chega às crianças e quis saber quem está por trás dessa fantasia e como ela é criada.

Em meio a tantos escritores e tantos livros, eu teria que escolher alguns. O que parecia ser impossível, mostrou-se o oposto, quando me chegou às mãos *A Margarida Friorenta*. Esse livro parecia reunir todas as qualidades necessárias ao que eu desejava: tinha a magia de um livro de histórias e falava de sentimentos. Eu tinha a certeza que a Margarida era alguém muito próximo, a quem eu conhecia muito bem. Talvez eu mesma. Era necessário que eu conhecesse sua criadora: *Fernanda Lopes de Almeida*.

Sem saber por onde começar recorri à tecnologia da Internet para conhecer os outros livros da escritora e fui me apaixonando cada vez mais pela idéia de conhecer a autora. Isso se deu primeiro através dos livros. A cada livro que lia pude ir percebendo um pouco de quem era Fernanda Lopes de Almeida. Como escritora, não possui aquela imparcialidade de historiadora e doa um pouco de si sempre que escreve. Como ela mesmo disse, em uma pequena nota publicada pela editora Ática em seu site: *Soprinho* e *A fada que tinha idéias* são “elaborações da enorme influência que tiveram em seu desenvolvimento, os contos de fadas e outros relatos maravilhosos, ouvidos na infância”.¹⁰

A escritora Fernanda Lopes de Almeida é carioca e psicóloga clínica, formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e sempre trabalhou com crianças e pais, fosse na clínica particular, fosse no serviço público, para o qual dedicou 18 anos de sua carreira. É escritora desde criança: começou com pequenos contos e poesias, mais tarde chegou a publicar muitos trabalhos, direcionados ao público adulto, em revistas e jornais, chegando a ser premiada em vários concursos

⁹ Pereira, 1998.

¹⁰ www.atica.com.br

literários. Se o árduo trabalho como psicóloga a obrigou parar de escrever por um período, tempos depois a levou de volta a escrever, só que para crianças.

Neste trabalho, a editora não me convidava a escrever para a autora dos livros, mas mesmo assim insisti: entrei em contato com o setor de atendimento da editora Ática e expus as minhas intenções na esperança de que elas chegassem ao conhecimento da escritora. Afinal, seria muito bom poder conversar com ela sobre meu trabalho. Semanas depois recebo, via correio eletrônico, uma resposta da própria escritora. Novamente, me senti uma pessoa importante, como naquele dia em que recebi a carta da Isabel Vieira. Fernanda se mostrou uma pessoa muito gentil e, também, curiosa em saber como eu estava “sentindo” seu trabalho. Isabel Vieira tinha razão: do que escritores mais gostam é que os leitores apreciem os seus livros. Eu, mais do que alguém que tinha os livros da Fernanda como objeto de estudo, era leitora de seus livros.

E é desse lugar de leitora que pretendo falar sobre seus livros, tendo como interlocutora a própria escritora e alguns de seus pequenos leitores. Sem a preocupação de classificar os livros como bons ou ruins, ou mesmo identificar regras sobre como se escreve ou como se lê, mas sim relatar um ponto de vista, uma leitura. Se estaremos falando de sentimento, então este trabalho pretende exprimir como alguns livros foram “sentidos”, como as respostas foram buscadas no íntimo de cada leitor. Este relato é fruto do que ele pensou a respeito, do que sentiu. Já que o livro se faz também a cada leitura, de forma particular, já que ele é um convite a cada um para uma viagem a lugares inexplorados. Um comentário sobre um livro e o que pensamos dele, o que sentimos através dele, é nosso ponto de partida. Começamos conhecendo o conjunto de obras de Fernanda Lopes de Almeida.

1.4 *Uni, duni, tê: conhecendo e escolhendo os livros.*

O universo de livros infantis da escritora Fernanda é quase todo publicado pela editora Ática, e estão reunidos da seguinte forma: “Série Clara Luz”, que acolhe os livros Soprinho e A fada que tinha idéias, que são mais longos, tanto em forma como em conteúdo, indicados para leitores mais experientes, mas que não deixam de

despertar interesses em leitores mais novos. “A fada que tinha idéias” foi considerado um dos melhores livros de Fernanda, aclamado pela crítica e um fenômeno em vendas. A “Coleção Olho vivo”, segundo a escritora, se propunha a ser um registro de diversos flagrantes da vida da criança com histórias bem simples que pudessem ser lidas em voz alta para crianças bem pequenas, como aquelas que se lê antes de dormir. Contudo, esse objetivo não seguiu até o fim e a coleção parou no quarto livro. Hoje são utilizados, também, por crianças em fase de alfabetização. A escritora não considera que a coleção tenha fracassado pois os quatro livros publicados (Luciana na janela, Luciana na pracinha, Luciana em casa da vovó, Luciana e a bolsinha nova) são flashes da vida da criança pequena, de acordo com o que foi pensado ao planejar a coleção, mas por outras circunstâncias outros títulos não foram escritos.(Almeida, 2001)¹¹

Outra coleção, publicada pela Ática, é a Passa-Anel, que não teve nenhum objetivo como coleção ao ser criada. Cada livro dela é autônomo, como a escritora coloca, *o “clima” de “O equilibrista” (filosófico) é muito diferente de “Gato que pulava em sapato” (bem mais infantil), ou de “A princesa dos cabelos azuis e o horroroso homem dos pântanos” (meio surrealista). E assim por diante (“A curiosidade premiada”, “Pinote, o fracote e Janjão, o fortão”, “A margarida friorenta”, “As mentiras de Paulinho”)*. A escritora possui mais um livro, não publicado pela Ática e sim pela editora Projeto, que é Três contos de muito ouro, o qual foi inspirado no fabulário universal. Livro em que, segundo Barbosa (1999)¹², a autora *“renova arquétipos e estrutura personagens competentes para pensar o mundo que os leitores encontram na esquina ou na escola.”*

Os livros priorizados neste trabalho serão alguns da Coleção Passa-Anel, por tratarem de diferentes assuntos como amizade, solidariedade, mentira, arrogância e outros, o que nos mostra, sob diferentes aspectos, a forma pela qual a escritora encontrou de significá-los para as crianças. Nestas diferentes histórias podemos perceber que elementos a escritora encontrou para falar com as crianças sobre seu próprio mundo. Não vamos nos ater a isso ou aquilo, mas a um universo que

¹¹ sreisch@gbl.com.br

¹² <http://www.sinpro-rs.org.br/extra/dez.99/livros.asp>

combina realidade e fantasia, e que chega até a criança falando das coisas do mundo, de coisas de criança.

1.5 “*E fez-se a história*”: reinventando o mundo, criando uma nova realidade, unindo fantasia e verdade.

O indivíduo, ao ler, se coloca em confronto com o mundo e estabelece projetos, visando tornar-se o que ainda não é. (Silva, 1984) Esta atividade está ligada à compreensão daquilo que se apreende, pois é a partir da compreensão de mundo que o indivíduo parte para a apropriação deste e das coisas nele existentes. O livro enriquece, de certa forma, essa compreensão do mundo, por referir-se à realidade de forma fantasiosa. Ele tem, também uma grande “responsabilidade” ao expressar visões de mundo, pois o contato com um livro pode significar o encontro com novas possibilidades de existir, de ser, ou de sentir.

Quando o que se lê nos livros faz parte do cotidiano do leitor, esse conteúdo ganha significado. Ao render-se ao mundo proposto por um livro, o leitor conhece uma outra abordagem sobre assuntos que para ele são conhecidos, mas que agora são mediados por uma outra visão, a do escritor. As histórias que encontramos na literatura, aqui enfatizamos a infantil, trabalham com o imaginário, mas têm uma forte ligação com a realidade. Para entendermos melhor o que é criar ou como o escritor fala através de seus livros, tomemos como suporte o pensamento de Vygotsky sobre a relação entre realidade e fantasia.

Segundo Vygotsky, (1987) o cérebro humano possui uma propriedade de adaptar-se e conservar a mudança feita, estando pronto para outra modificação a qualquer momento. É o que ele chama de *plasticidade*. Essa característica do cérebro possibilita a atividade criadora, ou seja, toda realização humana que cria algo novo. Seja esta reflexo do mundo exterior ou de pensamentos ou sentimentos que se manifestam somente no ser humano. O cérebro registra o que foi vivido (atividades relacionadas à memória, reprodutivas), mas não se restringe somente a isso, ele é também capaz de reelaborar e criar a partir dessas experiências vividas, já registradas

pela memória. Estas aliadas à capacidade do que ele chama “planejar” (organizar o pensamento), é o que podemos chamar de criação.

E é essa capacidade criadora que permite ao indivíduo modificar presente e, assim, planejar o seu futuro. A *imaginação ou fantasia* está diretamente envolvida neste processo, e, dessa forma, podemos perceber o quão importante ela é. Não só importante, mas também poderosa por ter uma característica transformadora, e talvez por isso em muitas situações seja inibida, não estimulada. Um indivíduo criativo é capaz de transformar, de imaginar algo diferente daquilo que vive, ou que tem, por isso é muitas vezes ameaçador, principalmente quando se quer manter um padrão, uma ordem. A fantasia, portanto é algo muito além de “fora do comum” ou “o que não se ajusta à realidade” e que, por isso, não possui valor prático. A fantasia ou imaginação é a base de toda a atividade criadora, é o que possibilita a criação artística, científica ou técnica. Dessa forma, toda criação humana é baseada na imaginação/fantasia (Vygotsky, 1987, p. 10).

Portanto, falamos aqui não só da atividade criadora de um escritor, e sim de algo que está presente no ser humano desde a infância observada nos jogos quando a criança finge ser mãe ou andar de carro ou ser um animal. Por mais que essas atitudes pareçam reprodução do real, revelam uma alta capacidade da criança combinar àquele momento elementos que já conhece e encaixá-lo em sua realidade específica, a qual é bem diferente do que se encontra no cotidiano, na vida. Neste momento a criança está criando uma situação para ela própria. Se o livro também fornece elementos para a criança criar, por ele fazer parte do real, ele o faz de um forma especial, pois também é fruto de uma atividade criadora, a qual reelabora o real, que une fantasia, realidade e ação humana. Entender essa aliança nos dará elementos para pensar a atividade criadora.

Realidade e fantasia estão mais próximas do que imaginamos. Ao “lermos” a realidade, a imaginação exerce um papel fundamental. Um pensamento tem sempre suas raízes em experiências vividas pelo homem, as quais são reelaboradas por ele. A fantasia, por sua vez, possui elementos da realidade que são recontados e combinados com elementos provenientes da imaginação. Torna-se mais claro quando observamos as fábulas: elas sempre falam de coisas essencialmente práticas, reais, só

que de forma fantasiosa, fantástica. A atividade criadora busca na experiência do homem uma base para a fantasia: é o que mantém sua verossimilhança. Quanto mais rica é a experiência humana, maior será o material disponibilizado à fantasia, tanto para o adulto, neste caso: escritor, que tem em suas obras refletida sua experiência, como para a criança, que quanto mais tiver suas experiências ampliadas, mais chances terá de construir bases sólidas para sua atividade criadora. Ou seja, quanto mais a criança vê e experimenta, mais produtiva será a atividade de imaginação.

Não só a imaginação se apóia na experiência real, como também a experiência se apóia na imaginação. Podemos criar novas combinações partindo da realidade, ou seja, cria-se algo a partir da união de fatos reais e aquilo que a imaginação supõe dessa realidade, a qual é contada ou expressada pelo outro. É como pintar algo sobre os castelos medievais sem nunca ter estado em um, ou visto algum como modelo. Cria-se através de relatos ou outras imagens. Assim, o artista concebe algo não a partir de sua experiência, mas a partir de uma experiência histórica ou socialmente construída. É dessa forma que aprendemos muitas coisas, ou que muitas coisas nos são apresentadas. Somos capazes de nos comover com o Holocausto judeu sem nunca ter estado em um campo de concentração, mas mesmo assim entendemos como tudo aconteceu e somos até capazes de exprimir opiniões sobre o fato.

Talvez essa relação entre realidade e fantasia seja uma das mais significativas no contexto educacional, pois participa do que chamamos de formação de opinião, o que se dá também através da voz do outro. Este é um fato que não pode ser desprezado, principalmente por nós educadores: nossa função é contribuir para que nossos alunos conheçam o mundo e formem sua opinião sobre ele, e não impor um modo de pensar como se fosse o correto. Isso também não significa que nossa opinião seja desprezada, ela é importante, mas deve ser exposta com muita responsabilidade, e de forma que participe apenas como mais uma informação para que a criança construa sua própria visão de mundo.

Importante ainda para a discussão de nosso tema é atentar para quando Vygotsky coloca que nossa imaginação constrói imagens para o que é concebido socialmente como alegria, tristeza, dor, medo, etc.: o sorriso lembrando alegria, a

palidez o medo, e outros. Tal como expressamos corporeamente nosso estado de ânimo, a imaginação constrói imagens que retratam nossos sentimentos, combinando elementos da realidade e a essência do que se sente, tornando-se uma espécie de expressão interna para os sentimentos. Dessa forma, é correto dizer que a imaginação é influenciada pelos sentimentos, à medida que estes são capazes de provocá-la. Contudo, os sentimentos também podem ser afetados pela imaginação, quando esta é capaz de provocar algum tipo de sentimento, sem que haja situação real para tal. Por exemplo, num livro, fruto da imaginação de um escritor, sofremos junto com a personagem principal, seus sentimentos passam a ser nossos. O enredo é tão envolvente que a personagem nos convida a viver com ela o seu drama, e com isso nos comove, mesmo que nossa realidade seja bem diferente do que conta a ficção.

A imaginação, por outro lado, também é capaz de interferir na realidade e torna-se parte dela. Se concordamos que a atividade criadora permite o planejamento, é possível que imaginemos algo e trabalhemos para que se torne realidade. Podemos dizer que é o que ocorre com a planta de uma casa: primeiro é um desejo que provoca a imaginação a planejar como poderia ser esta casa. A partir das habilidades necessárias esse desejo começa a sair da imaginação e materializar-se na planta (projeto arquitetônico) e num futuro pode vir a tornar-se uma casa de verdade. Vygotsky coloca que os aspectos cognitivos e emocionais não estão separados quando falamos em imaginação, em ato criador, em fantasia. *“O sentimento tanto quanto o pensamento movem a criação humana.”* (1987, p.25) Qualquer idéia é sustentada por um desejo ou necessidade afetiva, não só intelectualmente. Essa idéia, por sua vez, sustenta um sentimento ou emoção.

Quando se fala em criação humana, criação artística, logo pensa-se no objetivo da obra de arte. Ora, é evidente que ela influi no universo interior de cada indivíduo: em suas idéias, seus sentimentos da mesma forma que o faz o conhecimento científico. A arte utiliza elementos da fantasia para falar do mundo real dos homens, de seus sentimentos, pensamentos, etc. Através de uma lógica interna é que a obra de arte atinge a consciência humana: não é em vão que o autor da obra combina as imagens da fantasia. Estas seguem uma lógica na qual se desenvolvem estabelecendo um vínculo entre o mundo real e o ficcional, compondo ações que quem aprecia ora aprova, ora desaprova. De qualquer forma, a criação é

um processo misterioso, muitas vezes inexplicável. O que torna-se possível fazer são conjecturas de como ele se dá ou oportunamente contar com o depoimento de um artista. Com o que realmente podemos contar e com detalhes, é como nos colocamos diante de uma criação, o que sentimos, o que pensamos.

Para Fernanda Lopes de Almeida, o processo de criação é um mistério e acredita que é neste mistério que reside a magia da literatura. Assim, sua experiência de vida: o fato de ter trabalhado sempre com crianças como psicóloga, de ter se tornado escritora desde muito cedo, faz parte de toda sua produção literária. *“Quando criamos, tudo o que somos e tudo o que já vivemos, está sempre presente, conscientemente ou não.”* (Almeida, 2001) A ausência de “receita”, como ela mesma colocou, é o que fascina, e o que me parece, a instiga a escrever, e a nós, ler. É como algo inexplicável que acontece inevitavelmente e gera frutos encantadores. Ficamos a imaginar como surgem as idéias, como produziu-se o cenário da história, quando o que nos fascina realmente é o que sentimos, o que percebemos a partir do que lemos. E, então, nos colocamos a pensar nas impressões que um livro deixa em nós. Quase sempre, isso se dá através de um ser muito intrigante: a personagem.

1.6 *Um ser de imagem entre a fantasia e a realidade: a personagem.*

Sejamos apresentados a esse ser chamado “personagem” para que possamos mergulhar um pouco mais no texto literário. A personagem é um elemento importante de qualquer narrativa. Por definição, segundo Ducrot & Todorov (Apud Brait)¹³, é um ser que não existe fora das palavras. As personagens são seres de “papel” que representam pessoas. E são também, uma forma de o escritor falar.

A personagem de um texto literário, tal qual uma pintura ou uma fotografia, é uma forma de representação do real, ela se revela e se produz através da narrativa do autor. (Brait, 1993) Dialogar com ela é um forma de se aproximar de seu criador. É o que se pode chamar de relação personagem-pessoa, a qual muitas vezes provoca uma confusão entre o que é real e o que é ficção, dependendo da função que a personagem exerce no texto literário. De qualquer forma, a personagem é um elemento

¹³ 1993, p. 10-11.

fundamental de ser entendido, caso desejemos observar como determinados assuntos são abordados pela literatura.

Para conhecê-la melhor, é necessário recorrermos à construção do texto, ou seja, à forma como o escritor conta as suas peripécias. É no texto que a personagem ganha vida. Investigá-lo é uma forma de adquirir pistas para conhecer a personagem e perceber o que ela catalisa em termos de sentimentos e emoções humanas.

Vamos conhecer, à luz de alguns estudiosos, quem são esses seres que nos encantam, que, como versou muito bem Eco (2001), tornam-se “verdadeiros” devido ao envolvimento afetivo com os leitores. São, assim, para nós, seres semelhantes ou modelos. É através da personagem que a literatura nos convida a experimentar aquilo que muitas vezes não podemos mudar e/ou viver na vida real. Talvez por isso algumas personagens se assemelhem tanto a nós e nos sejam tão “íntimas”.

Foi Aristóteles o primeiro pensador que sistematizou uma análise da personagem, fazendo importantes reflexões, das quais duas merecem maior atenção: primeiro destaca-se a idéia da semelhança entre personagem e pessoa. A personagem está, de uma forma ou de outra, intimamente ligada a uma pessoa. Seja por representar explicitamente uma pessoa na história, ou pelo fato de se apresentar como reflexo da pessoa que a criou, esse vínculo entre personagem e pessoa é real e merece atenção.

O segundo destaque vai para a personagem como construção. Neste aspecto, Aristóteles irá discutir que é no texto que encontramos as características da personagem. Investigando o texto é que podemos conhecê-la melhor. Dessa forma, a personagem deve sua existência às particularidades do texto por ser fruto da construção desse mesmo texto.

Se um texto une elementos da fantasia e realidade, a personagem age como elo de ligação entre esses dois universos por ser produto da imaginação, que, por sua vez, mantém uma relação estreita com a realidade, tal qual vimos anteriormente. Observamos que a diferença entre um historiador e um escritor literário é que o primeiro conta a realidade tal qual ela é, e o segundo a conta como poderia ser,

valendo-se de recursos que permitem a ele falar das possibilidades da vida. O processo de criação da ficção não conta apenas com o potencial imaginativo do escritor. Fatos da realidade inspiram a criação da ficção, que nunca deve perder o seu caráter de verossimilhança, que é o que assegura sua ligação com a verdade do real. Ou seja: por mais fantástica que uma obra pareça, ela deverá seguir um padrão de acontecimentos que garanta uma "possibilidade do real", tornando-se perfeitamente verossímil a quem lê. Um exemplo que Brait (1993, p. 33) coloca e nos ajuda a entender melhor é quando analisa a personagem Iracema, de José de Alencar: a índia é construída não pelo que o índio representa no real, mas pelo que se queria dizer sobre ele. A intenção do autor com essa personagem era destacar a beleza do índio, sua pureza, e falar da possibilidade de um índio num mundo ainda não dominado pelo homem "branco civilizado".

A concepção aristotélica de personagem perdurou até meados do século XVIII, também alimentada pelo pensamento de Horácio, que aliava o entretenimento da literatura à sua função pedagógica, falando do aspecto moral da personagem. Para entender melhor o tema, é necessário lembrarmos que Aristóteles também defendia a idéia de que a literatura "imitava" o real; apoiado nisso, Horácio vai conceber a personagem como imitação do real e um modelo para o real. Mais especificamente, modelos de moralidade humana a serem seguidos. Essa função da personagem ganha mais valor na Idade Média e no período da Renascença (séculos XIII e XIV), em que a literatura foi tomada como fonte de aprimoramento moral dos ideais cristãos. A literatura estava diretamente ligada à re-afirmação do poder.

Quando a psicologia entra em cena no meio intelectual no século XVIII, vai, entre outras coisas, dizer que a personagem também poder ser um representativo do universo psicológico do seu criador. Nesse momento, o público alvo da literatura também muda, a burguesia passa a ler mais e os romances se rendem à tentativa de analisar as paixões e os sentimentos humanos, ou mesmo a satirizar a política ou a própria sociedade. O mistério da criação passa a ser uma preocupação na busca da origem das circunstâncias psicológicas e sociais daquele que cria. A personagem agora é vista como projeção da maneira de ser do escritor e o estudo dela pode detectar particularidades do ser humano.

O século XX traz inovações para a prosa de ficção. O herói, por exemplo, é mais problemático, seus conflitos interiores passam a interferir em suas ações. Alguns estudos identificam nas obras literárias a intriga e a história para além das personagens, ou seja, a narrativa não gira apenas em torno da ou de uma personagem. Esta passa a estabelecer uma relação também com outros elementos da obra, outras personagens, podendo assim ser classificada como plana ou redonda.

As personagens planas, de acordo com Brait (1993), são criadas sob uma idéia, definidas em poucas palavras e não evoluem ao longo da narrativa, ou seja, não revelam "surpresas" ao leitor. A personagem plana pode ainda alcançar o auge da peculiaridade (tipo), ou representar algo de forma exagerada, sendo considerada uma caricatura. Já a personagem redonda é aquela definida por sua complexidade, ou seja, é composta por várias qualidades, e surpreende o leitor por construir imagens totais e particulares do ser humano. A personagem passou a ser vista como um "ser" da linguagem, pois é com recursos da linguagem que é criada, e é através desta que podemos conhecê-la objetivamente.

Numa narrativa, a personagem não é o único elemento constituinte, e quase sempre vem acompanhada por outras personagens. Neste contexto interagem entre si, e até revelam-se umas pelas outras. Nesta interação, podemos identificar algumas funções das personagens numa narrativa. São quatro: a primeira seria a decorativa, ou seja, a personagem é inútil ao desenvolvimento da ação, no entanto indispensável para o desenvolvimento da trama por apresentar uma cena ou contribuir para a harmonia da mesma. Ela não é o foco principal da história, mas é o elemento que mantém o equilíbrio neste contexto. Outra função da personagem seria de agente da ação da narrativa: às vezes a personagem é quem desencadeia a ação (conflito). Muitas vezes sendo responsável por manter uma situação conflitual, ou ser o motivo do conflito da trama, ou ainda ser a solução desse conflito, que é o que mantém a ação da narrativa.

Uma terceira função desempenhada pela personagem seria a de porta-voz do autor, que neste caso caracteriza uma mistura de observações e valores do seu criador, o qual expressa seu pensamento através de sua personagem. É a partir dessa função da personagem que podemos discutir, com mais clareza, aquela relação entre

imaginação e realidade. Relação na qual identificamos mais claramente que a imaginação apoia-se na experiência real, embora as outras funções também potencializem essa relação. Se a personagem é fruto da imaginação de um escritor, e é porta voz desse escritor, então ela nos convida a viver com ela os sentimentos desse mesmo autor. É uma função extremamente importante por garantir a veiculação de uma forma de pensar e/ou agir. É um meio de o escritor significar valores, sentimentos para aquele que aprecia sua obra. A atuação dessa personagem não deixa de ser uma forma de alguém perceber o mundo e socializar essa percepção.

Uma última função ainda possível de ser desempenhada pela personagem é a de "ser fictício", que adquire uma forma própria de existir e sentir no texto, e por isso dele depende única e exclusivamente. É o que encontramos nas fábulas, as quais utilizam uma fantasia exagerada e seus personagens chegam a ser caricaturas, ora apoiada na realidade, ora no exagero do imaginário, com a função de, como bem colocou Vygotsky (1999, p.38), transmitir uma "lição de moral" ou de oferecer ao leitor uma oportunidade de lidar com sentimentos contraditórios de uma só vez. Segundo o pensador russo, dois personagens, opostos moral e emocionalmente, atuam durante no enredo das fábulas. Estes personagens são interdependentes na medida em que a existência de um reforça a do outro na mente do leitor. A dinâmica entre esses dois personagens é o que permite ao texto a "moral da história". Seria a tese e a antítese que levam o leitor a uma nova realidade, até então não explicitada pelo texto principal.

O escritor é quem concebe este "ser", ao qual estamos sendo apresentados. A personagem é fruto da criação de uma pessoa, que recorre a alguns artifícios para concebê-la. Uma das primeiras fontes a que o autor busca recursos para criar uma personagem é, sem dúvida, o código escrito. Torna-se claro agora o porquê recorrer ao texto para conhecer a personagem. É um jogo de linguagem que lhe dá vida, seja ela fruto de uma experiência da vida real, de sonhos, desejos do autor, é o texto que fornece elementos sobre a arquitetura de uma personagem. Assim, como bem colocou Brait (1993, p.52) *"é possível detectar numa narrativa as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura "construção linguístico-literária ou espelho do ser humano."*

Contudo, talvez nunca saibamos como é realmente esse processo de criação da personagem ou do livro, por muitas vezes tal processo representar um mistério para o próprio escritor, como é o caso de Fernanda Lopes de Almeida. É evidente que ela usa recursos lingüísticos, no entanto as personagens parecem surgir de um lugar desconhecido no íntimo da escritora, que ao contrário do que se pode pensar, é o que proporciona parte do prazer de escrever.

O leitor conhece a obra literária através de um narrador. É ele que apresenta a personagem e o cenário da história. Isso pode ser feito em primeira ou terceira pessoa, cada tipo de narração estabelecerá uma diferença na estrutura de cada personagem, pois uma apresenta a personagem, outra representa as falas e pensamentos da própria personagem. Ou seja, o narrador em primeira pessoa está envolvido nos acontecimentos da trama. É a personagem que fala de si, que se descreve, fornece elementos para que o leitor a conheça. Esse exercício é reconhecidamente muito difícil ao ser humano: falar de si, se expor para o outro é uma tarefa que exige habilidade. Por isso, esse tipo de narração pode resultar em personagens complexas e densas, e é um processo de construção especial e que dependerá da destreza do autor para obter sucesso e emocionar o leitor.

Sem estar envolvido na trama, como uma câmera, o narrador em terceira pessoa apresenta as personagens dando pouca voz a elas. Neste contexto, a personagem depende do narrador para se mostrar. Este vai fornecendo pistas durante a narrativa e permite que a personagem, aos poucos, seja construída frente aos olhos do leitor.

Seja como for, as personagens que nos tocam, que parecem ter vida própria num outro plano, dependem do poder de caracterização de seus criadores. Estes são responsáveis pela criação de um universo que "ensina" o leitor a encontrar traços da existência de uma personagem, e caminhos para as possíveis leituras. E mesmo que essas leituras sejam particulares a cada leitor, o autor ainda tem responsabilidade pela composição da personagem, pois esta nunca depende somente da interpretação do leitor.

O autor, seja qual for o foco narrativo, possibilita a criação de suas personagens através da combinação de recursos variados, e são sua intenção e perícia responsáveis por isso. Depois de prontas, as personagens adquirem asas e "voam" em busca de pouso na mente de algum leitor. Agora já não são propriedade única de seu criador, mas levam consigo parte de sua história, de seus sentimentos, suas emoções.

SOBRE EMOÇÕES E SENTIMENTOS

“Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos.”

(Vygotsky apud Oliveira, 2000, p. 27.)

2. Arte que transforma, possibilita, ensina...

Quando fala da relação entre uma produção artística e a vida, Vygotsky (1999) nos revela que a arte não suscita a emoção e o sentimento diretamente, isso dar-se-á de acordo com a trajetória de vida de cada indivíduo que aprecia a obra. O sentimento suscitado não será necessariamente aquele que gerou a obra, mas algo que vai além. Ele compara a relação entre a arte e os homens com o milagre da transformação da água em vinho, descrito pelo Evangelho:

"a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam o algo a mais acima daquilo que nelas está contido." (1999, pp. 307)

A arte busca na vida a sua matéria-prima e com esta ela produz algo que revela muito mais. Não é um retrato fiel da realidade, mas as possibilidades dessa realidade. A arte acaba revelando o que foi socialmente construído, já que o autor imprime em seu trabalho a sua história. Por isso, toda obra de arte é percebida por lidar com sentimentos, emoções, valores que são socialmente construídos.

Vygotsky concebe a idéia de que todo indivíduo busca constantemente viver em harmonia com o meio e, se as relações com o meio são simples, o comportamento também o é, e vice-versa. Isso não implica que esse processo é sempre harmonioso; há o conflito. E a arte pode ser um meio de vazão às energias contidas na vida cotidiana. Ou seja, a arte pode ser um veículo para se chegar a um equilíbrio do indivíduo com o seu ambiente ou, ainda, pode ser a solução de algum conflito.

A arte é, portanto, socialmente constituída. Ela não trata somente da história ou dos sentimentos de um indivíduo. Mesmo que assim o fosse, esse indivíduo

estaria inserido num contexto social, no qual os valores, sentimentos e relações são socialmente construídos.

Quando estuda a fábula, por exemplo, Vygotsky a entende como uma forma de oferecer ao leitor a oportunidade de lidar com sentimentos contraditórios que, de uma forma ou de outra, estão interligados. É o que podemos chamar de contradição afetiva desenvolvida no leitor durante a leitura do texto até o ponto de catástrofe da fábula, ou seja, a parte da história em que os dois planos sentimentais tornam-se um revelando toda dualidade tratada pela história desde o início.

Esse interesse em estudar a dinâmica dos sentimentos durante a leitura nasce da experiência que Vygotsky teve ao lecionar literatura, e de sua preocupação com que os alunos compreendessem o que liam. Sua preocupação foi tanta que chegou até proferir algumas palestras sobre o ensino de literatura. Tal preocupação é também de todos nós educadores que acreditamos na literatura como fonte de conhecimento, afeto, sedução, prazer. Para esse trabalho, a contribuição do teórico russo é fundamental por ser uma tentativa de aproximar os estudos sobre literatura dos estudos dos sentimentos e emoções.

Em seus estudos, Vygotsky entendeu que a estrutura do texto serve de base para o seu entendimento, e que os modos como este entendimento se dá podem ser vários. Contudo, é preciso admitir que certas direções fornecidas pelo texto guiam o leitor para determinadas reações e não para outras. No texto os acontecimentos aparecem significados segundo a história do autor e o que ele pretende expressar. Ao se tratar de sentimentos e emoções, conceitos extremamente subjetivos, essas direções fornecidas pelo texto (autor) são de suma importância. Do que estamos falando quando mencionamos “sentimentos” ou “emoções”?

2.1 *sentimentos, emoções e palavras.*

É sabido que conceituar sentimento, emoção, é muito complicado, pois depende de pontos de vistas que na maioria das vezes são muito particulares a cada um. Contudo, certas leituras elucidam e orientam o modo de pensar, fornecendo

elementos para uma investigação. Podemos, muitas vezes, esbarrar em “valores”, pois quando se fala de sentimento é impossível não pensar em emoção, e deixar de lado os valores. É muito tênue a linha que os separa, e o que se pretende aqui é, à luz de alguns pensadores, apenas levantar uma discussão que sensibilize nosso olhar para os livros infantis, a fim de que possamos perceber como afetam as crianças ao falar de sentimentos, expressar emoções ou discutir valores.

Faço minhas as palavras de Pino [199-] quando este diz ser difícil conceituar e analisar os fenômenos psíquicos afetivos. A afetividade relaciona-se a experiências subjetivas que mostram, fundamentalmente, como cada indivíduo é afetado por acontecimentos da vida. O acesso às marcas que os fenômenos afetivos deixam nos indivíduos é muito difícil, e passa sempre por uma interpretação, que o próprio indivíduo faz. A natureza dos fenômenos afetivos sofre a influência do meio sócio-cultural: o indivíduo é educado para pensar e agir, sentir e reagir segundo padrões pré-estabelecidos. E, como Vygotsky também sugeriu em seus estudos, os integrantes de um grupo social têm referenciais comuns para interpretar as experiências afetivas, ou mesmo, a forma de se expressar do outro.

Pino [199-] observa que o termo *afetividade* é exageradamente genérico, em oposição à restrição dada ao termo *emoção*. Enquanto afetividade refere-se muito mais ao conteúdo vivência (qualidade) do comportamento humano, emoção aproxima-se muito mais do componente biológico desses comportamentos. O sentimento seria uma forma elaborada da afetividade e emoção, a forma bruta. Isto pelo fato de as emoções estarem atreladas a reações corporais decorrentes de certos acontecimentos e os sentimentos, à percepção destes.

A criança desde muito cedo utiliza as manifestações emocionais para se comunicar com o outro, para explorar o mundo em que nasce. No processo de diferenciação do “eu”, lança mão das emoções vividas e dos conflitos gerados para obter sucesso. Aos poucos, com o desenvolvimento da linguagem, a criança passa a dar nomes para aquilo o que sente e vivencia, o que passa a fazer parte do seu modo de pensar. Dessa forma, percebemos que a constituição das emoções humanas passam pelo desenvolvimento da linguagem e de formação de conceitos. A forma como essas

emoções irão se configurar irá depender muito do modo como serão apresentadas para cada indivíduo.

Começaremos a nossa discussão sobre emoções com as idéias de Wallon, as quais são fruto de seu audacioso projeto teórico que pretendia traçar a psicogênese da pessoa completa e concreta. Seu objetivo era compreender a totalidade da pessoa. Embora fosse um projeto ambicioso, foi uma tentativa de compreender a pessoa de uma forma global e inserida em seu meio, não separando afetividade e cognição. Wallon vê o desenvolvimento da criança com uma construção progressiva, alternando fases em que ora predomina a afetividade ora a cognição. Logo no primeiro ano de vida, é pelas manifestações afetivas que a criança se relaciona com o meio. Seja através do choro, para obter a atenção desejada, seja pela manha para "dizer" que algo não vai bem, a criança utiliza as manifestações emocionais como forma de se comunicar com o mundo. À medida que o desenvolvimento segue, observa-se que as fases em que a cognição predomina: são as fases em que a criança está construindo seu conceito de mundo, seja explorando-o, seja conquistando-o. As etapas do desenvolvimento em que a afetividade predomina coincidem com os momentos em que a criança está fundamentalmente se relacionando com o mundo, e construindo o seu "eu", o qual se dá nas situações de conflito, de oposição ao outro ou mesmo de imitação do outro. Enfim, são atividades que exigem sim um esforço cognitivo, mas que prioritariamente lida com afeto, com o contato com o outro. Quando surge a linguagem, surge também a oportunidade de organização das ações com o meio, o modo de se relacionar muda. Agora há outro elemento (a linguagem) que auxilia a criança a lidar com os "problemas" propostos pelo contexto em que vive, o qual participa ativamente da formação de sua identidade. (Galvão, 1995)

Fundamentalmente, Wallon coloca as emoções como primeiro instrumento de adaptação do indivíduo com seu meio, como um importante recurso usado na interação da criança com o outro e o meio. É também usada como forma de exploração, mais freqüente na infância, mas que permanece na fase adulta disputando espaço com as funções psicológicas superiores, a quais passam a ser o instrumento básico de exploração e adaptação com o meio social.

A visão sobre emoções de um apaixonado por literatura se faz no mínimo interessante. Vygotsky não chegou a trabalhar especificamente as questões afetiva e postular uma teoria, contudo produziu alguns escritos sobre o assunto em meio a discussões de um grupo de estudos, do qual fazia parte no Instituto Pedagógico de Herzen, em Leningrado. Quando escreveu sobre as emoções, Vygotsky estudava a estrutura semântica da consciência e relação afeto-intelecto; o conceito de fala interior e localização das funções psicológicas no cérebro, bem como a relação educação e desenvolvimento. (Vaan Der Veer e Valsiner, 1997)

Nenhum de seus escritos sobre emoção foi publicado durante sua vida; após a sua morte, um manuscrito intitulado "A teoria das emoções" foi publicado, trazendo algumas contribuições relevantes para a psicologia. O argumento usado neste manuscrito foi o de superar a teoria das emoções, essencialmente dualista, de James-Lange. Essa teoria propunha que as mudanças fisiológicas que acompanhavam as emoções (tremor, suor) eram resultado da percepção de algo ameaçador ou excitante. O sentimento de emoção vinha depois dessas reações, chamadas de periféricas. Vygotsky acreditava que essa teoria não se sustentava em bases empíricas, pois não eram observadas grandes diferenças nas manifestações corporais para os diferentes estados emocionais, e ainda que essas mudanças corporais poderiam ser induzidas artificialmente e não estariam relacionadas a nenhuma emoção. Era uma teoria essencialmente fisiológica, que não levava em conta os aspectos psicológicos do processo emocional, podendo ser comparada à teoria de Descartes.

Em As paixões da Alma, em que pretende explicar a natureza das paixões como um filósofo natural, Descartes coloca que cada sensação é dependente de um determinado nervo, que seriam fios que continham os 'espíritos animais', ou seja, pequenos corpos que se moviam rapidamente de um pólo a outro levando informações de pânico ou perigo ao cérebro, que por sua vez interagia com a alma. A alma descarregaria as "informações emocionais" nos músculos, provocando uma reação. Outra teoria que postulava um modo essencialmente mecânico de origem das mudanças corporais. Conclui Vygotsky que, tanto para Descartes como James-Lange, "a emoção é equivalente a uma percepção (sentimento) passiva de mudanças corporais" (Vaan Der Veer e Valsinar, 1997, pp. 381). O que configura uma explicação essencialmente determinista e causal para a origem das emoções, as quais

são vistas como inatas e imutáveis. Vygotsky acreditava que os seres humanos são capazes de emoções mais sofisticadas, e que adultos têm uma vida emocional diferente das crianças. Portanto, haveria uma transição das emoções primitivas às superiores, mas para isso era preciso que um estudo fosse desenvolvido numa abordagem desenvolvimentista.

Essa abordagem deveria acolher a idéia de que, à medida em que o conhecimento conceitual e os processos cognitivos infantis se desenvolvessem, a qualidade das emoções também deveria mudar. Esse pensamento foi o primeiro passo de Vygotsky no estudo das emoções. Depois, para encontrar alternativas para a explicação causal das emoções, recorre à idéia de que a alma e o corpo são como dois lados de um mesma "substância". Ou seja, a alma não era totalmente livre e nem o corpo controlado mecanicamente. O ideal seria encontrar uma relação entre o desenvolvimento do psiquismo e o das emoções. Acreditava que o que mudava ao longo desse desenvolvimento era a qualidade das emoções, que evoluíam em riqueza e complexidade. As emoções humanas seriam capazes de acompanhar uma espécie de "evolução sentimental".

O estudo de Vygotsky sobre emoções ficou inacabado, mas nos dá indícios de que para o psicólogo russo deveria haver uma explicação causal na psicologia das emoções, que desprezasse, é claro, as mecanicistas, pois a base do pensamento de Vygotsky é que toda atividade humana é explicada considerando as influências sociais e culturais.

É importante lembrar que Vygotsky afirmava que os fatores sócio-culturais, quando em cena, não ofuscam os processos psicológicos já considerados inferiores. Estes continuam a habitar o psiquismo e serão acionados novamente quando os processos superiores, adquiridos ao longo do desenvolvimento, não funcionarem adequadamente. Ou seja, vão tornando-se cada vez mais complexos. Assim, podemos entender que a criança, ao incorporar novos instrumentos culturais através da linguagem, altera o seu desenvolvimento psicológico afetivo e cognitivo. Uma idéia que se aproxima do que Vygotsky acreditava é a de que as emoções humanas (adultas) são mediadas pela consciência social do indivíduo, e dessa forma, mudam a sua natureza do mesmo modo como se desenvolvem as capacidades cognitivas do

indivíduo. Assim, o sentimento de ciúme de uma criança, por exemplo, é qualitativamente diferente do sentimento de ciúme do adulto. Essa aproximação entre o desenvolvimento cognitivo e o afetivo que Vygotsky faz é melhor entendida quando Oliveira (2000, p.27) destaca uma passagem significativa de seus estudos:

"A forma de pensar, que junto com o sistema de conceitos nos foi imposta pelo meio que nos rodeia inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com eles variem, já que mantêm certa relação com nossos pensamentos."

Todas essas idéias deixam bem claro a influência do ambiente sócio-cultural na constituição da personalidade da criança, no desenvolvimento do pensamento, na constituição da emoções. O "outro" é muito importante no acesso que a criança tem ao universo simbólico. A produção de sentido desse universo é fruto de uma produção social e histórica. Podemos dizer que o desenvolvimento desse sentido se dá (também) através da ação da palavra.

Chegamos onde queríamos: a palavra. Ela transforma o nosso biológico, produzindo algo de novo. O que Vygotsky nos coloca é a relação entre o universo simbólico e o orgânico. Ou seja, a linguagem, a palavra é constituída socialmente, nas relações estabelecidas com e no meio em que o indivíduo vive. A palavra afeta as reações corporais (emoções) de forma significativa. Aceitamos a idéia de que a emoção é uma forma do corpo reagir a um estímulo ou acontecimento do meio em que vivemos e a forma como se manifesta está intimamente ligada ao sentido que cada indivíduo tem do mundo que o cerca. Esse sentido (universo simbólico) desenvolve-se juntamente com a linguagem, através da forma como a palavra chega a cada um e por ele é usada. E não podemos esquecer que a palavra é produto social do outro e chega à criança já significada socialmente.

A literatura lida prioritariamente com a palavra, e uma de suas funções é convidar a criança a conhecer o mundo ao qual ela ainda não teve acesso. Outra função seria a de transmitir valores, falar sobre sentimentos, suscitar emoções...

Como bem colocou Silva (1984, pp. 41) "*o livro (...) é uma emersão do homem do processo histórico" ele revela uma intenção, "reflete o humano"*. Se é indiscutível a importância que o outro tem na vida da criança, vale ressaltar que o mundo adquire significação para ela quando é significado por esse outro, que é quem muitas vezes "abre portas" para sua entrada no mundo.

Não seria a literatura um modo de significar o mundo para a criança? Ela não seria um maneira de apresentar valores, emoções e sentimentos para a criança? Como será que os autores têm colocado isso para seus pequenos leitores?

Certamente, a literatura se coloca como uma forma de falar às crianças sobre valores, sentimentos, conhecimentos, enfim, sobre o mundo. É uma forma de significar o mundo para a criança, de abrir portas para a criança conhecer o universo cultural dos homens. Como é, então, que um adulto que exerce o papel do outro na vida de uma criança, e um outro muito importante, fala às crianças sobre as "coisas" do mundo através de um livro? Ainda será relevante ouvir o que as crianças têm a dizer sobre esta "fala", sobre este encontro com o livro.

CRIANÇA E LITERATURA.

“O mundo só adquire significação para a criança porque antes foi significado pelo outro. É este quem abre as portas do universo simbólico que lhe permitem entrar no mundo cultural dos homens.”

(Pino, 199-, p. 148)

3. *Delícias e surpresas do encontro da criança com o mundo do “faz de conta”.*

Se pretendemos tomar a literatura como uma forma de significação do mundo por um adulto a uma criança e identificar como este adulto aborda determinados assuntos, neste caso sentimentos, valores e emoções, as personagens colocam-se como um meio de personificação destes aspectos da vida humana. É claro que ela não o faz sozinha, conta também com o enredo da história e o cenário a que pertence. Mas, pelo fato da relação entre o leitor e a personagem ser muito estreita, causando, dessa forma, um envolvimento entre ambos e permitindo que o leitor se identifique com as histórias e sentimentos das personagens, é que tentaremos, através destas observar como um adulto fala do mundo às crianças, e de como sente a vida.

Das citadas funções que uma personagem pode adquirir num texto literário, uma que nos importa é a de *porta-voz do autor*. Isto pelo fato de, nesta função, a personagem sintetizar alguns pensamentos do autor, ou mesmo por ela convidar o leitor a partilhar seus sentimentos. A personagem, como porta-voz do autor, é uma forma deste expressar qual é sua visão do mundo e das relações que nele se estabelecem, portanto, um modo de significar esse mundo.

Observando o universo de livros da escritora Fernanda Lopes de Almeida, que compõe a Coleção Passa Anel, nota-se que as histórias por eles contadas são narradas em terceira pessoa, o que demonstra uma certa distância do escritor com suas personagens. Aos poucos a escritora vai nos apresentando suas personagens em cada acontecimento da história. Cada uma centrada num assunto específico, falando às crianças de forma muito direta e carinhosa de coisas que acontecem em nosso dia-a-dia.

Falaremos mais especificamente sobre quatro personagens de Fernanda Lopes de Almeida, pois foi possibilitado um encontro de crianças de cinco e dez anos com tais personagens, sobre o qual podemos pensar um pouco como é a relação

personagem-pessoa ou como a fantasia nos possibilita falar da realidade, entre outras coisas.

Sejamos apresentados a essas personagens com as quais as crianças construíram uma relação muito interessante, o que permitiu *uma* leitura de um encontro com a literatura infantil: a primeira delas é a Margarida, uma flor muito sensível que mora no jardim de Ana Maria, e que certa noite não estava nada bem. Foi muito difícil para seus amigos - Ana Maria, Borboleta Azul e o cachorro Moleque - perceberem o que acontecia com ela. A Borboleta Azul era muito esperta e se prontificou a ajudar a Margarida buscando ajuda com Ana Maria, que não poupou esforços para ajudar sua amiga. Em "*A Margarida Friorenta*" a escritora procura falar de solidão e solidariedade, dando à relação de amizade uma importância muito grande em nossas vidas. Nesta história o afeto é colocado como algo de extrema valia não só para o indivíduo em si, como também numa relação de amizade: de nada adianta falarmos que temos amigos se não podemos contar com eles nos momentos difíceis. De nada adianta dizermos que somos amigos se não formos solidários, se não prestarmos atenção naquele que dizemos ser nosso amigo.

Outro ser muito carismático que compartilhou com as crianças suas aventuras foi Mimi ("*Gato que Pulava em Sapato*"). Um gatinho muito esperto e querido, que descobriu que, embora tivesse conforto e o carinho de sua dona, ainda precisava aprender como ser um gato de verdade. Tinha uma vontade irresistível de subir em telhados, porém sua dona o protegia muito e temia que algo de muito ruim lhe acontecesse. Contudo, Mimi desobedece sua dona e vai ao telhado, mas como não tinha prática, ele cai e se machuca. A partir disso Mimi percebe que precisa aprender como é subir em telhados para que tenha segurança. A sua coragem impressiona e comove, à medida que Mimi descobre que o aprendizado é muito importante.

Janjão, de "*Pinote, o fracote e Janjão, o fortão*", é outra personagem muito interessante: o menino mais forte da turma que gostava de mandar nos amigos e se divertir com isso. Pela força física coagia seus colegas e sentia-se bem com isso, achando que tinha pleno controle da situação. Através de Janjão a escritora pretende nos falar de desrespeito com os amigos, além do uso da força física com forma de dominá-los. Mas Janjão não era tão mau assim, ele também tinha sentimentos e

quando percebe que Pinote demonstrava ser mais esperto e, de certa forma, mais forte, mostra toda sua fraqueza e sensibilidade ao lidar com o inesperado, com aquilo que ele não podia controlar através de sua força. Pinote se coloca como aquele que “usa a cabeça”, não age por instinto, nem retribui as agressões de Janjão com a mesma agressividade. Essa personagem é autêntica, não cede aos caprichos do mais forte. Ele “*era o menino mais fraquinho da turma*”¹⁴ e também o mais esperto: mostrou que externamente qualquer um pode ceder, mas nem por isso os valores precisam ser mudados. Mais que isso, Pinote mostra a Janjão, sem agredi-lo, que a arrogância pode fazê-lo sentir-se muito desconfortável.

Na leitura de textos literários como estes, podemos tomar contato com uma percepção de mundo, a do escritor. Podemos identificar de que sentimentos e valores ele fala, como ele utiliza a fantasia para falar sobre a realidade. Mas quando a história atinge o leitor é que entendemos que tipo de emoções nele provoca. O contato do leitor com a personagem se dá através da leitura direta do texto, ou através da mediação de um outro leitor. E sendo a elaboração deste texto, ou a leitura dele, uma atividade humana, teremos que ter em mente que esta só pode ser entendida se consideradas as influências sócio-culturais do momento em que acontecem. É preciso levar em conta o contexto do escritor: como, quando e por quê escreve, mesmo que isto lhe parece um mistério, como colocou a escritora Fernanda Lopes de Almeida; e também é preciso considerar a história daquele que lê.

A personalidade da criança, como já vimos, se constitui sob influência do meio sócio-cultural, no decorrer do desenvolvimento do pensamento, na vivência das emoções e elaboração dos sentimentos. A ação da palavra neste processo é extremamente significativa: ela produz algo novo. Um livro leva até a criança formas de se ver e entender o mundo e as relações que nele se estabelecem. Dessa forma, a literatura fornece elementos para a criança construir a sua visão de mundo, o que pensa e como pensa sobre os acontecimentos da vida.

A percepção desses acontecimentos não é única para os indivíduos, nem a mesma por toda a vida. Cada indivíduo tem sua percepção, as quais podem ou não se identificar com outras. A escritora Fernanda Lopes de Almeida nos brinda com

¹⁴Almeida, 2001b.

belíssimas histórias que representam sua percepção, seus sentimentos, suas emoções vividas, seus valores. Ela fala às crianças de forma muito sincera, fato que faz com as crianças se sintam tocadas profundamente por suas personagens e “histórias de vida”. A maneira como fala de sentimentos é muitas vezes compartilhadas por muitas crianças, e por isso a escritora consegue aproximar-se delas e mostrar um pouco do nosso mundo para que possam fazer suas escolhas.

A melhor forma de observar a magia que surge entre os textos de Fernanda Lopes de Almeida e as crianças é possibilitar um encontro entre eles, e aproveitar para refletir qual a importância destes encontros, qual nosso papel de educadores, e sobre o prazer que conhecer novos olhares possibilita.

É no encontro de um certo grupo com as história de Fernanda Lopes de Almeida que faremos uma leitura de como é a aproximação do leitor com um texto literário.

3.1 *O frio da Margarida*

A conversa sobre o livro *A Margarida friorenta*¹⁵, primeiramente foi feita com um grupo pequeno de crianças de 10 anos (4ª série), de uma escola particular do interior de São Paulo, da qual sou professora. Por já ser a professora deles, acredito tê-los deixado bem à vontade para falar o que estavam pensando.

O objetivo da conversa foi observar como crianças mais velhas, do que aquelas a que comumente se indica este livro, reagiriam diante o conteúdo da história, mais especificamente, perante a mensagem e o conjunto de valores que esta veicula. O pedido para que as crianças participassem foi feito de forma bem diferente, não foi realizada uma atividade comum de leitura. Esta conversa teve uma outra conotação. Primeiro eu conversei com as crianças sobre a minha pesquisa: coloquei para elas que a importância deste trabalho não era somente a finalização de meu curso superior, mas também um trabalho muito prazeroso que estava me ensinando muito e proporcionando descobertas incríveis. Depois falei da minha

¹⁵ Transcrição no anexo IV.

paixão por livros e de como gostava de ler. Alguns concordaram comigo outros deixaram bem claro que não gostavam de livros e nem de ler. Contudo, gostaram muito quando falei que havia entrado em contato com uma escritora de livros para crianças e que estávamos “conversando” por e-mail. Foi então que eu mostrei o livro para eles e perguntei se eles gostariam de me ajudar a recolher dados para o trabalho. Eles se mostraram muito felizes com aquela proposta e sentiram-se até importantes com ela. Eu também fiquei muito feliz, pois pude perceber que algo que é extremamente importante para mim, foi respeitado por eles. Dessa forma, pedi permissão para gravar em fita K-7 nossa conversa e isso os deixou muito entusiasmados, tanto que antes de iniciar tive que mostrar como funcionava o aparelho de gravação e fazer alguns testes para eles.

Minha primeira pergunta foi para saber se eles já conheciam a história, se já tinham lido o livros nas séries anteriores. A resposta foi unânime: eles não conheciam a história. Coloquei o nome do livro na lousa e também o nome da escritora. Falei um pouco sobre quem era Fernanda Lopes de Almeida e em seguida perguntei o que o título do livro sugeria. A maioria respondeu que era uma flor que tinha frio. Uma aluna chegou até sugerir que se ela tinha frio deveria se esconder debaixo da terra. Mas como não poderíamos falar somente baseados no título, perguntei a eles se gostariam de conhecer a história da Margarida: todos, sem exceção, aceitaram.

Enquanto contava a história fui mostrando as figuras e preocupando-me se todos as estavam vendo. Eles me ouviram atentamente sem muitos comentários. Lembro-me que alguns comentaram que estava sendo legal, pois parecia o “pré-zinho”, aqueles momentos em que a professora contava histórias na roda. Neste momento pensei em mais um prazer que um livro pode proporcionar a quem lê: a possibilidade de reviver situações que deixaram saudades.

Quando cheguei no momento da história em que a Borboleta Azul diz ter entendido o motivo do frio da Margarida, um aluno, muito rapidamente, disse: *“Também entendi...”*¹⁶. Um outro interveio: *“ela ficou com medo...”*. Perguntei eu: *“medo?”* e o que falou primeiro disse: *“Não ela ‘tava precisando de carinho, porque*

¹⁶ Trechos retirados das falas das crianças. Ver transcrições da atividades de leitura em anexo (IV).

passou com um beijinho". Então insisti e perguntei a eles que tipo de frio era o da Margarida e eles me responderam: *"Ela 'tava se sentindo sozinha", "Era frio de amor"*. Neste ponto fica claro aquela idéia que Vygotsky (1997) coloca de que o escritor/artista, através de sua habilidade em dar forma a sua criação, de certa forma "orienta" a imaginação do leitor/receptor para uma determinada direção de entendimento. Ou seja, se a intenção era colocar a solidão como algo desconfortável, ou que a solidariedade é algo que nos conforta e nos deixa tranquilos, o objetivo tinha sido atingido. As crianças apoiaram, e muito, a atitude de Ana Maria: *"Eu acho que ela foi boa, porque... se a Margarida ficasse no jardim ela ia morrer", "Ah, ela ia morrer por falta de carinho... de solidão. A Ana Maria ensina qualquer pessoa a ter amor ao outros"*. Talvez isto fique mais claro na fala de outra aluna: *"(Ana Maria) Foi muito legal, porque a Margarida estava triste e ela deu amor para ela"*. A Borboleta Azul também tocou as crianças pelo seu gesto em ajudar a Margarida: *"Ela parou só pra ajudar a Margarida, se não ela ia morrer"*.

Aproveitando que eu conversava com leitores mais experientes, achei pertinente perguntar a eles que tipo de leitor poderia ter acesso àquele livro, ou melhor, para que idade eles indicariam aquela leitura, já que para eles parecia algo muito simples. Qual não foi a minha surpresa quando ouvi respostas como: *"para qualquer idade... a idade não importa"*, ou ainda *"Todas"...*, *"desde de que a pessoa goste"*. Embora um aluno tenha estabelecido uma idade (10 anos) e outro dito que a história era meio esquisita, pois a Margarida e a Borboleta falavam, mesmo depois de dizer que qualquer pessoa que gostasse poderia ler, as respostas nos mostram que a história é boa quando nos toca, quando podemos nos identificar com ela.

A forma de interpretar, embora seja aberta e particular a cada um, foi bem semelhante entre todas as crianças desse grupo. A maioria apoiou a atitude de Ana Maria e da Borboleta, solidarizando-se com o problema da Margarida. Fica claro neste contato com as crianças que a mensagem evidencia algo comum para os diferentes receptores e suas diversas interpretações. Há um sentimento que aparece valorizado em cada história que é percebido graças às noções, valores, conceitos que construímos e apreendemos em conjunto no grupo a que pertencemos, socialmente.

Por isso Vygotsky (Vaan Der Veer e Valsiner, 1997, p. 37) defendia a idéia de que os críticos da artes faziam sim uma interpretação individual, e muito subjetiva, da arte e não a explicavam. Mas nem por isso eram comentários inválidos na medida em que a arte e qualquer produto dela, exigem uma explicação, ou um entendimento mais amplo da vida social, e não somente particularidades. A crítica, de uma forma ou de outra, expressa o que várias pessoas, de diferentes lugares num grupo social, sentem e pensam sobre a arte em questão. Embora particulares, os comentários dos críticos não deixam de representar uma fala localizada socialmente.

A leitura de “A Margarida friorenta” também foi feita com crianças de 5 anos, e foi uma experiência bem diferente. A atividade foi realizada por ocasião de uma substituição que fiz numa classe do infantil 3, na mesma escola das crianças de 10 anos (4ª série). Acredito que pelo fato de não ser a professora da turma eu não os tenha deixado à vontade para falar sobre o que sentiam. Contudo, pensei que a oportunidade seria boa para eu mesma fazer a leitura com elas. Isto ocorreu no momento da “roda”, no início da tarde. A primeira coisa que fiz foi mostrar o livro às crianças; deixei que examinassem o livro, vissem as figuras. Depois falei um pouco sobre a autora, e quando disse a elas que eu leria a história todas queriam se sentar bem perto de mim para ver as figura bem de pertinho e ouvir melhor. Houve até um certo conflito, pois ninguém chegava a um acordo sobre onde iriam se sentar. Como o grupo não era muito grande (13 crianças) organizei novamente a roda garantindo que todos iriam ver perfeitamente as figuras e a mim. Comecei a leitura e, dessa vez, as crianças fizeram comentários no início: “*Olha, a Margarida!*”, “*Que linda!*”, “*é uma flor...*”. No decorrer da história as crianças ficaram bem quietas e atentas às minhas expressões e às figuras que eu mostrava. No momento em que a Margarida sentia muito frio algumas crianças expressavam na face um sentimento de compaixão, de pena. Era como se elas também estivessem com frio. E como a turma de 10 anos, a primeira interpretação do frio da Margarida foi exatamente a ausência de calor. Um menino chegou apontar uma figura do livro e dizer: “*Olha o vento da noite!*”

Já a Borboleta Azul também causou admiração, mas por ela ser muito bonita. O cachorro Moleque foi o mais simpático e conquistou as crianças por ter levado a Margarida para o quarto da Ana Maria. Disseram: “*ele é bem esperto*”, “*Que*

cachorro legal". E no momento em que a leitura conta que a Ana Maria dizia saber o que estava acontecendo com a Margarida, uma menina levanta a mão e diz: "*Ela pode estar tremendo de frio ou de medo, né Beth?*" Fiz uma expressão de dúvida e disse: "*Vamos ver o que é?*" Pensei: naquele momento a história estava conseguindo transmitir a sua mensagem mexendo com o imaginário, o afeto, as emoções das crianças. Era a imaginação da escritora, materializada sob a forma de um livro e uma história, utilizando elementos que podem ser individual, subjetiva e coletivamente experienciados, falando das coisas da vida, permitindo às crianças uma associação com o que ocorre com elas de verdade. Quem tem medo realmente treme, a imagem da Margarida tremendo fez a menina pensar em medo, além de frio.

Quando, na leitura, a Ana Maria beija a Margarida e esta pára de tremer, as crianças expressam vivamente uma alegria coletiva, aprovando a atitude da Ana Maria e acabando com aquela "angústia" de ver a Margarida tremer, tremer, tremer, o que foi visível durante todo o período de leitura. Ao fim da história eu perguntei se eles haviam gostado. Disseram-me que sim, e quando perguntei sobre o frio da Margarida:

—"*E então, o que a margarida sentia?*"

Um menino respondeu:

—"*Frio de carinho*"

Outra aluna falou:

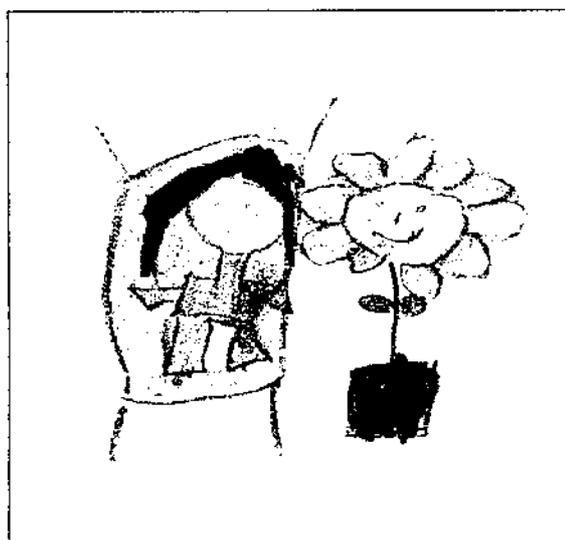
—"*Ela queria um beijo.*"

As respostas não foram muito diferentes das dadas pelas crianças de 10 anos, o que é um forte indício de que aquela mensagem comum foi identificada por todas as crianças mesmo com idades e vivências diferentes. Percebemos a identificação com a Margarida. Afinal quem nunca sentiu solidão, mesmo que fosse por alguns momentos apenas. Mas o que fica é que a solidão, realmente, não é um sentimento confortável e estar entre amigos é muito bom. Por isso, nos entusiasmos com atitudes como as tomadas por Ana Maria, pelo cachorro Moleque ou a Borboleta Azul

Logo em seguida, ao fim da leitura, me perguntaram se poderiam desenhar sobre a história. Eu disse que sim, mas que gostaria que eles desenhassem o que tinham mais gostado da história. Alguns aceitaram, outros voltaram a perguntar se poderiam desenhar qualquer coisa sobre a história. Eu disse que sim, afinal o que me

interessava era que eles falassem sobre o que tinham acabado de ouvir. E enquanto eu recebia os desenhos, resolvi insistir mais uma vez para que eles dissessem o que mais os tinha impressionado. Dessa forma, eu pedia para que as crianças falassem um pouco sobre o desenho ou a história, agora individualmente. Alguns falaram mais um pouco, outros não quiseram mais falar, outros ainda diziam que não sabiam.

Pude perceber que além do conteúdo da história a ser contada é também muito importante a forma como o contador de história a conta: suas expressões e até suas opiniões. As crianças estavam muito atentas a mim e a tudo o que eu fazia com o livro. De uma forma ou de outra estamos significando a história para eles. Se eu achasse o frio da Margarida legal, acredito que a reação das crianças às minhas perguntas seria bem diferente, pois essa minha interpretação também serve como base para a interpretação das crianças. Se a história em seu enredo, na sua trama, nas suas formas de linguagem afeta os leitores, pois o fato de a Margarida tremer por estar sozinha veicula a idéia de que é no mínimo desconfortável sentir-se só; certamente o adulto, como leitor do texto para as crianças afeta e interfere na sua compreensão. Assim, como coloca Fontana (1996, p. 19), ao mediar a leitura, a professora provoca na criança o desencadear de processos de compreensão relacionados às experiências já conhecidas (identificação) ou não (contato com o novo). Mesmo que a criança não compreenda em sua totalidade o que lhe é apresentado, esta fala passa ser tomada como parâmetro para sua organização mental. Daí, a fala, a forma como o contador de história se expressa ser tão significativa.



"Gostei mais do beijo"- fala da aluna sobre o que mais havia gostado na história.

3.2 Mimi como eu.

O encontro com Mimi, de Gato que pulava em sapato, foi bem mais tranquilo e comentado, do que o encontro com a Margarida. A leitura foi feita novamente com aquele grupo de crianças de 5 anos e, dessa vez, eu como pesquisadora apenas colhi os dados. A atividade de leitura ficou sob coordenação da professora da sala. Com a professora, as crianças ficaram mais à vontade para falar sobre o que ouviam, contudo o entusiasmo foi igual ao da primeira atividade, bem como o “ritual” de leitura.

O que chamou a atenção desta vez foi a forma como algumas crianças se identificaram com a personagem de Mimi. Como colocou Eco (2001), um livro não nos conta apenas uma história, muitas vezes nos conta a *nossa* história, fazendo com que nos identifiquemos com certas personagens, certos lugares. Talvez por isso, logo no início da leitura, as crianças tenham se surpreendido quando a professora contou-lhes que Mimi usava laços e tinha uma coleção deles num armário, e ainda tomava seu leite num lindo pires cor-de-rosa. Uma menina exclamou: “Ai que delícia!”. Quem sabe ela não é como Mimi que adora laços e enfeites, ou mesmo adora a cor rosa. E, de repente, um livro falava daquilo que ela gostava, mesmo referindo-se a uma outra situação. Era visível nos olhos daquela garota como ela estava feliz por Mimi gostar das mesmas coisas que ela. Era como se naquele momento se estivesse falando dela, ou colocando-a num lugar de destaque. Acredito que isso tenha feito com que ela gostasse mais de Mimi.

Durante a leitura as crianças prestavam muita atenção ao que a professora acrescentava e, em seus comentários, procuravam imprimir um pouco de si como no momento em que a professora perguntou como Mimi havia ficado quando sua dona o proibiu de ir ao telhado: um menino respondeu num tom de quem diz algo muito óbvio (e realmente o era): “*ele ficou bravo... porque ele não gostou de pular no sapato,... não era igual o telhado!*”. Bem, Mimi, de uma forma ou de outra, representa a criança. Era claro que pular em sapatos não era a mesma coisa que ir ao telhado, e por isso ele havia ficado bravo. Como muitas vezes acontece com as crianças quando são cerceadas. Entende-se o motivo, mas a vontade é muito grande. Mimi havia mexido com os sentimentos daquelas crianças, pois estava falando do

que acontecia com elas, de como sentiam o mundo; falava das proibições, ou como se comportavam diante de algo muito desejado.

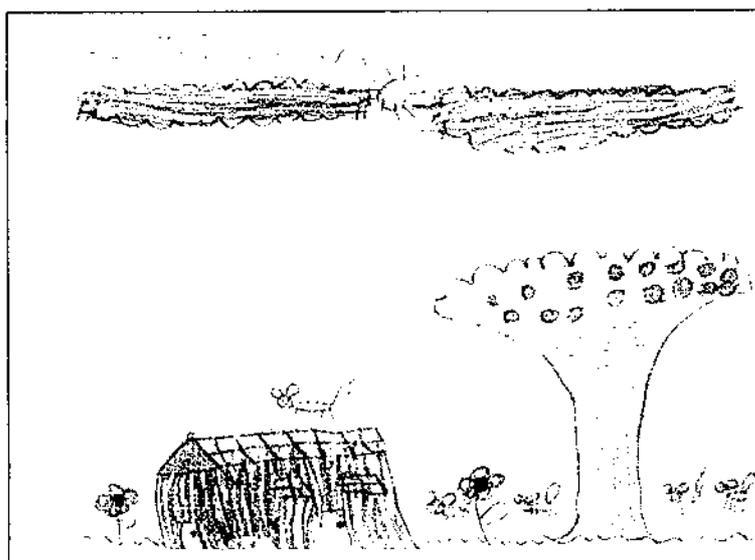
Contudo, as crianças descobriram que Mimi, mesmo proibido, voltava ao telhado, tamanha era sua vontade, e neste momento percebemos que essa atitude de “desobediência” de Mimi provocou as crianças de forma especial. Mesmo sabendo da vontade incontrollável de ir ao telhado, as crianças (e Mimi) sabiam que era proibido, e isso havia sido justificado com um bom motivo. Mesmo assim as crianças espantaram-se com a desobediência de Mimi: exclamaram *“Nossa !”*. Embora, soubessem que Mimi desejava muito ir ao telhado, ele havia feito algo errado, que foi desobedecer sua dona e sofreu as conseqüências desse seu ato “rebelde”: caiu do telhado. As crianças viveram a aventura de desobedecer e fazer algo que sentiam muita vontade junto com Mimi, mas nem por isso deixaram de avaliar se o que ele havia feito estava certo ou errado.

Mas, Mimi chegou à conclusão de que, mesmo tendo caído do telhado, ele deveria voltar e aprender como um gato deveria se comportar para não correr o risco de acabar machucado. Ele deveria aprender ser ele mesmo, sem desobedecer, ou contrariar a sua dona. Por isso ele conversou com ela e a convenceu de que deveria aprender a subir em telhados e conquistar um mundo que ele não conhecia. A professora, enfim, diz que a dona acabou se orgulhando de seu gato como um ótimo “subidor de telhados” e um menino lhe dirige uma pergunta: *“Por que ele não cai?”* A professora não responde e devolve a pergunta para a turma. E uma menina diz *“Porque ele aprendeu a lição!”* e outros colegas acrescentaram: *“A de subir no telhado”... “É que ele foi treinando, treinando, treinando, até aprender. Igual eu. Eu tenho uma bicicleta que tem rodinha, e meu pai tirou, ele pôs uma rodinha meio estreita. E agora eu estou aprendendo a andar sem rodinha.”*. Diante disso a professora lhe perguntou por que estava aprendendo, e sua resposta foi porque estava treinando.

A emoção suscitada pelo conteúdo da história levou esse menino a buscar na suas vivências algo parecido com a experiência de Mimi, fazendo com que se identificasse com sua história. A forma como a escritora relatou os fatos e a professora os contou às crianças fez com que houvesse uma aproximação entre a

fantasia e a realidade. Fato este que possibilitou uma conversa sobre vários assuntos: primeiro mexeu com a idéia da desobediência, depois com a de que o aprendizado está intimamente ligado à segurança e a qualidade de vida. Dessa vez, a idéia em pauta era a de que aprender exige tempo, cuidado, responsabilidade e muita persistência, mas vale a pena.

Orientando mais a conversa, a professora pergunta para as crianças se achavam que era realmente perigoso para Mimi subir ao telhado e um garoto responde que sim: *“acho que se ele cair, ele se arrebentava inteiro, igual eu que quebrei aqui (mostrando o joelho) e tive que dar ponto, e doeu”*. Mais uma vez Mimi estava falando sobre as crianças e de fatos que ocorrem com elas muito freqüentemente. A meu ver isso gerou nas crianças um sentimento de alegria. Elas puderam viver junto com Mimi uma situação que lhes permitiu sentir o mundo, tanto num aspecto bom, como num aspecto desagradável. Mimi “saiu” do texto de Fernanda Lopes de Almeida e migrou para um lugar muito difícil de se descrever, envolvendo-se com o mundo das crianças, fora do livro. Mexendo com seus valores, sentimentos e emoções, possibilitando que as crianças pensassem sobre várias coisas, as quais lhes estão muito próximas.



“Acho que se ele cair, ele se arrebentava inteiro, igual eu quando quebrei aqui (mostra o joelho) e tive que dar ponto e doeu” – fala de um aluno sobre o perigo de Mimi subir no telhado.

3.3 *Ser Janjão ou ser Pinote ? Eis a questão?*

Todos nós somos um pouco Janjão, não é? Às vezes abusamos um pouco e colocamos nossos amigos em situações complicadas, ou mesmo utilizamos nossos “poderes” para persuadir alguém. Algumas vezes isso passa despercebido, outras nos atrapalha e muito. Socialmente estamos sempre submetidos a regras e convenções que com as quais nem sempre concordamos, isso talvez gere em nós um sentimento de revolta e uma vontade enorme de fazer as regras, de impor as ordens. E, por vivermos em grupo, isso se torna extremamente complicado.

Tal como temos vontade de estarmos em evidência, sem importar-se com as pessoas que estão à nossa volta, também precisamos, muitas vezes ter a perspicácia de Pinote para lidarmos com situações opressoras e não deixarmos um “Janjão” mudar nosso jeito de ser.

Não estamos preocupados com o certo ou errado, ou estamos ? Mas o que se pretende é pensar em quais e como as diferenças nos afetam, como é ruim sentir-se cerceado por regras incoerentes e ter que sufocar o que pensamos e sentimos. Ainda, diante do certo e do errado, é interessante pensar em como lidamos com os conflitos.

Promover um encontro da turma de quarta série com Janjão e Pinote e observar os comentários que poderiam surgir, seria muito interessante. Esta faixa etária de 10/11 anos é o momento do desenvolvimento infantil em que a personalidade encontra-se diferenciada: a criança já passou por uma fase de conflito constante com o outro, o que ajudou na constituição de sua personalidade. Ela tem seu interesse voltado para as coisas, para o conhecimento e a conquista do mundo. Predomina o aspecto cognitivo em seu desenvolvimento, por ela já ter passado por um momento em que as relações afetivas eram o centro de suas atenções com a finalidade da constituição da consciência de si. Por outro lado, a proximidade da adolescência quebra o “equilíbrio” emocional que a criança mantinha até então, o que gera uma necessidade de redefinir sua personalidade em virtude das mudanças acentuadas que ocorrem em seu corpo, suas vontades e em suas relações. (Galvão, 1995)

Novamente os conflitos que têm seu lado positivo segundo Wallon pois são propulsores do desenvolvimento, entram novamente em cena, e dessa vez não se configura apenas como um conflito pessoal, mas também moral e existencial, os quais retomam a afetividade como centro das atenções do indivíduo, pois é através dos sentimentos e das emoções que irá, novamente, se colocar no mundo. As emoções vividas, os sentimentos compartilhados são como ponto de partida para a consciência pessoal que se dá por intermédio da interação com o grupo social, que possibilita uma diferenciação das ações: o conflito. Este tem seu papel específico em cada etapa do desenvolvimento.

É sabido o enorme volume de literatura que se tem produzido sobre o que é a adolescência e como lidar com esse acontecimento na vida das crianças. Como também inúmeros títulos falando diretamente à criança sobre esse período tão significativo em suas vidas. Nem toda literatura trata adequadamente deste assunto, mas boas histórias são uma ótima forma de falar sobre muitos assuntos às crianças. Não podemos nos esquecer que uma das funções da literatura é o lazer. Nada melhor do que falar de assuntos sérios de forma descontraída. Muitos conflitos acontecem a todo momento naquela turma de quarta série, com quais muitos eu também estou envolvida, pois faço parte daquele grupo. Seria oportuno falar sobre Janjão e Pinote a eles.

Da mesma forma que iniciei o convite para conhecerem a Margarida, foi feito com “Pinote, o fracote e Janjão, o fortão” e toda a turma se mostrou muito feliz com o convite. Sobre o título, sem saber da história toda, o seguinte comentário: *“Ah, não importa ser forte ou não, o que importa é a sabedoria!”* Dessa forma, se expressou um aluno que tem afinidade com a escola e muita intimidade com a leitura. Penso que não poderia ser diferente: ele valoriza o saber. Um outro aluno que afirma categoricamente não gostar de estudar, mas sim da escola, permaneceu quieto, apenas ouvindo, sem emitir comentário algum. Naquele momento eu pensava o que poderia estar se passando pela sua cabeça: apoiava Janjão, ou identificava-se com ele e achava melhor não dizer nada?

A literatura de uma forma ou de outra nos remete a alguma realidade através de um sentimento, de uma paisagem, de um problema humano. Isso nos faz refletir

sobre os acontecimentos da vida e em como lidamos com eles. Ela veicula uma ideologia, embora não funcione como um “manual” de boas maneiras. Logo no início da história, a escritora Fernanda Lopes de Almeida deixa bem claro que Janjão foi “derrubado” por Pinote, portanto, derrotado, vencido pela sabedoria de Pinote, menino muito diferente de Janjão. As crianças concordaram com isso: elas riam e caçoavam de Janjão quando agredido pelo galo, ou quando Juju reage zangada com a brincadeira da turma. Mais que isso, eles reprovaram as atitudes de Janjão, sem se dar conta que muitas vezes agimos de forma semelhante. Contudo, a leitura não fez aquele aluno que não gosta de estudar, e que muitas vezes é visto como Janjão pelos colegas, a apoiar Pinote. Ele disse muito pouco sobre o que pensava de tudo aquilo. Talvez ouvir tudo o que se dizia fosse uma oportunidade dele conhecer melhor a si mesmo. Talvez aquela mensagem escrita o tocasse tão intimamente que era difícil dizer algo, apenas pensar.

Quando Janjão ordenou aos amigos que rissem de suas piadas sem graça, dois alunos discutiram: *“Eu não ia rir.”...“Eu ia rir sim...”* Aquilo estava mais próximo do cotidiano deles do que eu podia imaginar. Aquelas emoções vividas por Janjão agora faziam parte também da vida das crianças, que podiam estar falando de um lugar desconhecido ou de um lugar que conhecessem muito bem. A autora havia conseguido, com sua criação e imaginação, falar sobre a realidade de crianças muito estranhas a ela, mais que isso ela conseguiu gerar nas crianças sentimentos de indignação, revolta, compreensão.

Para algumas crianças Janjão era mandão, egoísta. E “metido” para aquele garoto que quase não falou; por fim ele disse o que pensava de Janjão: *“Achei que ele queria dá um de metido, e acho que não está certo.”* Fala interessante: embora não recriminasse Janjão, ele concordou com a visão da autora, dos outros colegas, com a minha. Não era certo agir como Janjão, já Pinote...

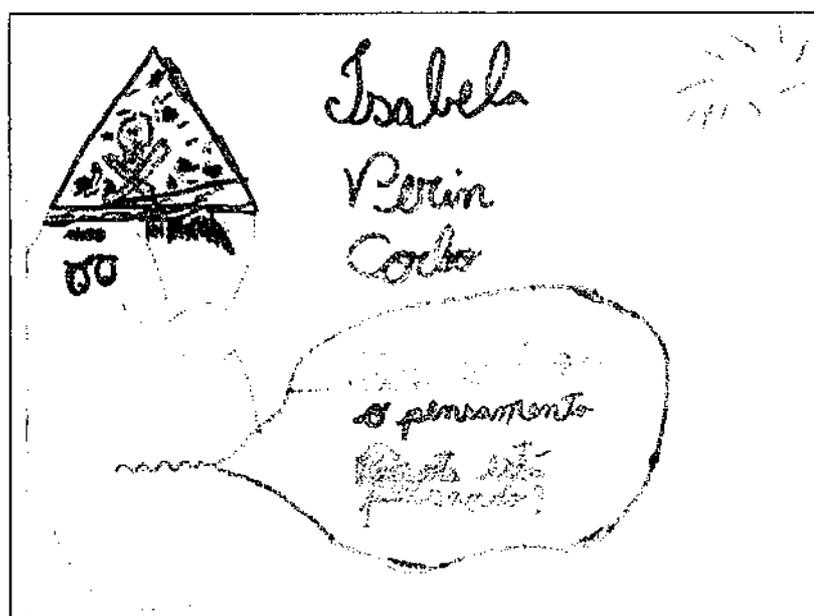
Ao terminar a leitura eu perguntei para as crianças qual era a principal diferença entre Janjão e Pinote. Janjão ocupou o lugar de egoísta e até de “burro”, percebi que incomodava as crianças. Pinote era inteligente, usara sua esperteza para mostrar a Janjão que estava errado, e não havia cedido aos seus caprichos. Percebi como as crianças colocaram os fatos em dois extremos: o bom e ruim, o certo e o

errado. Foi uma oportunidade das crianças lidarem com sentimentos contraditórios. Nem sempre isso é fácil. Gera conflito, não só com o outro, mas consigo mesmo. Criava-se naquele momento um ambiente para que as crianças pudessem pensar sobre o que a história contava e também sobre suas atitudes. A literatura faz parte do ambiente sócio-cultural que a criança explora, e do qual retira elementos que farão parte do desenvolvimento tanto cognitivo como afetivo. E essa é uma grande responsabilidade da literatura e nossa ao possibilitarmos o acesso a ela.

Depois de nossa discussão, sem que eu perguntasse nada, um aluno dirige-se a mim e pergunta o que eu faria se fosse Pinote. Minha primeira reação foi de dúvida: será que ele estava perguntando para mim? E logo percebi que a resposta era sim. Hesitei em responder, se ele estava perguntando o que eu achava era porque isso era importante para ele. Senti-me responsável por qualquer resposta que desse a eles. O que faria? Reprovaria a atitude de Janjão? Daria toda a razão a Pinote? Eu sabia que a minha resposta influenciaria e muito meus alunos. Resolvi que seria muito sincera em minha resposta e reforcei que o que eu dizia era o que eu pensava naquele momento, não o certo ou errado. Mesmo porque, certo e errado são conceitos muito relativos: dependem muito dos fatos que os cercam. Como não poderia eximir-me daquela resposta, eu disse a eles que não gostava quando alguém procurava me convencer de algo à força ou que para isso precisasse prejudicar alguém. Então, disse a eles que se não houvesse outro jeito eu iria rir com a boca sim, mas que não iria mudar o modo de pensar por simples capricho de um amigo. Alguns concordaram comigo outros me olhavam de forma muito fria, como se pensassem que eu não poderia ter dito outra coisa. Será que poderia ?

A mensagem que eles acharam que a autora quis transmitir com o livro foi a de que não devemos ser egoístas, que devemos estar calmos numa situação de dificuldade e que não adianta ser o mais forte, devemos ser nós mesmo em qualquer situação. Devemos mostrar como somos por “dentro”. Não sabia se entendia essa explicação como o que eles “achavam” que devia ser, ou se em falavam que havia algo dentro deles que precisava ser visto. Ser nós mesmos é muito difícil nas relações que estabelecemos: queremos e precisamos agradar sempre alguém. Somos cobrados em certas atitudes e por outro lado, cobramos isso das crianças, tanto que até esquecemos de vê-las como são. É preciso pararmos para observar com mais atenção

os acontecimentos ao nosso redor, e perceber que podemos estar sendo Janjão. Eu poderia estar sendo Janjão simplesmente expressando minha opinião. A forma como Janjão viveu aquela situação de dúvida e até adoeceu por este motivo levou as crianças a reprovarem seu comportamento. Às vezes podemos até querer ser Janjão, mas ser julgados por tomar atitudes como as dele é bem diferente. Neste caso, a arrogância ganhou uma leitura que com certeza mexeu com o modo de pensar das crianças. Fosse para reafirmar sua posição, mudá-la ou simplesmente fazer como Pinote: “rir com a boca e não com o pensamento.”



“Acho que se você quer ser respeitado, que respeite.”- fala da aluna ao se referir a atitude de Janjão.

Mais algumas palavras.

O encontro das crianças com as palavras da escritora Fernanda Lopes de Almeida revelou o grande poder que o livro tem de provocar emoções, discutir e tocar os sentimentos das crianças, além de afetar seu modo de pensar e ver o mundo. A identificação com os personagens leva a criança a falar de si, sentir-se acompanhada em seus medos e aventuras.

Em suas histórias a escritora dividiu com as crianças seu modo de sentir o mundo, sua forma de encarar a amizade. Contou-lhes porque considera importante persistir e aprender coisas novas. Ainda, permitiu às crianças lidarem com sentimentos contraditórios e se questionarem sobre o bom e ruim, sobre o certo e o errado. A forma como significamos o mundo atinge as crianças num momento muito especial: aquele em que ela está descobrindo o mundo e procurando nele o seu lugar. A forma como falamos às crianças revela algo além de seu conteúdo: revela sentimento, expressa emoção, traz consigo uma história. Nossa história.

A palavra é assustadoramente poderosa, impregna-se no indivíduo provocando uma inquietação. É constitutiva dos sentimentos, das emoção pelo simples fato permitir uma elaboração do que sentimos. A literatura nos permite sentir, mas sob o ponto de vista de outra pessoa, e também o nosso. A literatura provoca nossas emoções, evidencia que é através dela que nos expressamos e somos notados pelo meio em que vivemos. A literatura faz parte da cultura que nos constitui.

A nossa palavra de educador é poderosamente assustadora: ela orienta, expressa um ponto de vista, esclarece, acolhe e também fere, cala, paralisa. Que no encontro com a literatura, com a palavra do outro, possamos nos sentir livres, rir, chorar, amar, ter amigos, aprender, sentir, criar algo novo, renascer, re-elaborar o que sentimos e como sentimos o mundo.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Fernanda L. **A margarida friorenta**. 24ª edição, São Paulo: Ática, 2000.

_____, **Gato que pulava em sapatos**. 18ª edição, São Paulo: Ática, 2001a.

_____, **Pinote, o fracote e Janjão, o fortão**. 18ª edição, São Paulo, 2001b.

_____, (sreisch@gbl.com.br) **Respostas**. Para: Elizabeth C. de Faria (faria@hotmail.com) , 10/maio/2001c.

ÁTICANET, [acessado em Março, 2001] Disponível em: <http://www.atica.com.br>

BARBOSA, Luiz C. Lição de Moral, In: **Extra Classe**. Brasil: Rio Grande do Sul, dez./1999. [acessado 24/julho/2001]. Disponível na Internet: <http://www.sinpro-rs.org.br/extra/dez.99/livros.asp>

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1993. 95p. (Série Princípios)

CAMARGO, Luis O livro infantil brasileiro: arte para crianças. **Leitura, Teoria e Prática**, no. 15, p 3-4, Jun/1990.

CORTELLA, Mário S. Educação e participação. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 13., 2001, Campinas, SP.

ECO, Umberto. A literatura contra o efêmero **Folha de São Paulo**, 18/fevereiro/2001, Suplemento “Mais”.p.11-13.

FONTANA, Roseli C. **Mediação pedagógica na sala de aula**, Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GALVÃO, Izabel, “Wallon e a criança, esta pessoa abrangente” *In MEC, Revista Criança*, Brasília, DF: SEF, n. 33, 1999.

GALVÃO Gomes Pereira, M.I. **Emoções e conflitos: análise da dinâmica das interações numa classe de educação infantil**, 1998. Tese (doutorado em educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo.

GARCIA, Regina L. O afeto entra mais uma vez na escola ... desta vez por outras portas. **Revista Proposta**, n. 83, p.32-38, dez/1999.jan/00.

JOSÉ, Elias **Literatura Infantil: opção ou imposição. Leitura: Teoria e Prática**, no. 10, p. 3-4, Dez/1987.

MOBRICE, Inês A. S. Encantamentos e delícias: a criança em contato com a literatura infantil. **Leitura, Teoria e Prática**, no. 15, p. 44-46, Jun/1990.

OLIVEIRA, Ivone M. **As emoções no espaço escolar**. Campinas, São Paulo, 2000. Tese (doutorado em educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

PEREIRA, Luciana F. R. **Vivendo o texto na sala de aula**, 1998. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PINO, A. **Afetividade e vida de relação**, texto mimeo, [s.d.].

SANTOS, Neide M. O prazer de escrever textos infantis. **Leitura: Teoria e Prática**, no. 10, p. 18-20, Dez/1987.

SILVA, Ezequiel T., **O ato de ler. Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1984.

SUASSUNA, Livia. "Cultura e Leitura". **Revista Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, n. 32, Dezembro, 1998, p.42-53.

VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. **Vygotsky: uma síntese**. São Paulo, Loyola, 1996.

VYGOTSKY, L. S, **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 191 p.

_____ **La imaginacion y el arte en la infancia (ensayo psicológico)**. México, Hispanicas, 1987.

_____ **Psicologia da arte**, São Paulo: Martins Fontes, 1999. 377 p.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel T. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

YUNES, Eliana. Círculos de Leitura: teorizando a prática. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas/SP: no. 33, p. 17-21, Jun/1999.

ANEXOS

ANEXO I

S. Paulo, 20/9/91

Querida Beth

Fiquei super contente de saber que você gostou de "E agora, mãe?", e que vai ler "Em busca do mirim". É isso que os escritores mais gostam: que os leitores apreciem os seus livros.

A história de Jana é um alerta para que meninas e meninos tenham mais cuidado. Engarçadas "de bobina", como ela, não é bom para ninguém. Acho também que os garotos deviam ser mais responsáveis, concorda? Por isso escrevi esse livro: para que todos conversem muito sobre ele e não caiam na mesma situação da Jana e do Jean.

Infelizmente não tenho mais nenhum exemplar para mandar-lhe. Estou esperando uma resposta da editora. Já vale esta carta? Espero que sim.

Um grande abraço a todos
o carinho da amiga

Paula Leite



ANEXO II

From: Elizabeth Coelho de Faria
 To: Editora Ática <editorial@atica.com.br>
 cc: Cópia - <atica@tribal.com.br>
 Subject: FALE CONOSCO> 27/03/2001> 16:37>
 >Olá, pessoal.

Sou aluna da Unicamp e estou fazendo um trabalho sobre literatura infantil, especificamente sobre as obras de Fernanda Lopes de Almeida, sob a orientação do prof. Ezequiel Theodoro da Silva. Por isso, gostaria de saber se vocês tem algum meio pelo qual eu pudesse entrar em contato com ela, para que eu pudesse obter maiores informações sobre o seu trabalho (E-MAIL,> ENDERECO, ...)

Desde já agradeço a atenção
 Elizabeth.

From: jucilene.vieira@atica.com.br
 To: faria@hotmail.com
 Subject: Re: FALE CONOSCO
 Date: Tue, 27 Mar 2001 18:25:02 -0300

Prezada Elizabeth,
 Infelizmente, não temos autorização para fornecer o endereço/telefone/e-mail de nossos autores. O contato pode ser feito através da Ática, que reencaminhará a correspondência ao autor.
 Atenciosamente,
 Depto. Editorial

From: Elizabeth Coelho de Faria
 To: Editora Ática <editorial@atica.com.br>
 cc: Cópia - <atica@tribal.com.br>
 Subject: FALE CONOSCO> 28/03/2001> 11:12>

OK, neste caso conto com a ajuda de vocês para que a autora tome ciência do meu trabalho e dentro do possível possa me ajudar.

O meu trabalho consciente numa monografia exigida para a conclusão do meu curso de pedagogia. O tema escolhido por mim é literatura infantil, ou melhor pretendo investigar como emoções e sentimentos são abordados pela literatura infantil, já que esta também é fonte muito importante de conhecimento para a criança.

A primeira parte do trabalho será um breve estudo sobre literatura e a segunda será análise de alguma obras de literatura infantil. Para tal eu optei por utilizar as obras da Fernanda Lopes, quando conheci seu livro "a margarida friorenta", gostei e resolvi conhecer mais.

Para que meu trabalho tenha um bom embasamento gostaria, seguindo a orientação de meu professor, de traçar um panorama sobre as obras publicadas por esta autora, para isso é que eu gostaria de conhecer um pouco mais sobre ela e suas obras. Desde já agradeço a atenção de vocês e se puderem me ajudar serei eternamente grata.

Elizabeth.

**Hotmail**[®] faria@hotmail.com[Caixa de entrada](#) | [Página anterior](#)

De : "Sergio Reisch" <sreisch@gbl.com.br>
Para : <faria@hotmail.com>
Assunto : resposta-Fernanda Lopes de Almeida
Data : Wed, 11 Apr 2001 19:01:44 -0300

Eliz.

Recebi ontem o seu pedido que a Ática me mandou pelo Correio. Até o fim do mês devo estar no telefone 0xx21-2246884. Pode me telefonar e combinaremos de que maneira responderei às suas questões. Com muito prazer a atenderei.

Fernanda



(C) 2002 Microsoft Corporation. Todos os direitos reservados. [TERMOS DE USO](#) [Política de Priv](#)

From: faria@hotmail.com
To: sreish@gbl.com.br
Subject: Re: Resposta-Fernanda Lopes de Almeida
Date: Thu, 26, APR 2001 21:52

Sra. Fernanda,

Lembra-se de mim? Sou aquela moça do e-mail da ática.

Adorei ter recebido notícias tuas, tentei ligar para a senhora esta semana, mas tocava e ninguém atendia. Como a senhora me disse que estaria naquele telefona até o final do mês resolvi responder para esse endereço eletrônico e dizer que estarei tentando ligar para conversarmos melhor. Mas agora de início estou fazendo as leituras necessárias para o embasamento teórico de meu trabalho e também fazendo um levantamento de suas obras. Tenho uma listagem da editora ática.

Contudo gostaria de saber se a senhora tem mais algum livro publicado por outra editora.

Ah, também há mais um detalhe que não falei naquele pequeno bilhete da editora ática: além do professor Ezequiel Theodoro da Silva, a professora Ana Luiza Smolka participa da orientação de meu trabalho.

Bem espero que ele fique à altura dessas pessoas maravilhosas que têm me ajudado muito.

Quanto ao que gostaria de conversar com a senhora, podemos fazê-lo ao longo do ano, se para a senhora for possível. Para isso acho que poderíamos combinar um modo de nos falarmos periodicamente. Pode ser por e-mail, ou a senhora prefere telefone, carta,...Gostaria de falar mais sobre o meu trabalho e o que pretendo abordar...

Bem, mais uma vez obrigada por tudo, e espero que essa aproximação seja tão especial para a senhora como está sendo para mim.

Elizabeth

**Hotmail®** faria@hotmail.com[Caixa de entrada](#) | [Página anterior](#)

De : "Sergio Reisch" <sreisch@qbl.com.br>
Para : <faria@hotmail.com>
Assunto : contato
Data : Fri, 4 May 2001 13:12:33 -0300

Elizabeth,

Já estou no meu telefone 0xx21-2245768. Há um outro, 2528372 mas, no momento, esse só está sendo usado para fax (esperar o sinal - uma espécie de apito, e enviar).

Mas, se for cômodo para você, pode continuar comunicando-se comigo pelo e-mail, que é do meu marido sreisch@qbl.com.br. Parece-me que talvez seja o método mais prático.

Sim, para mim também é muito estimulante esse contato com uma jovem que vai estudar a minha obra. Estou certa que, como sempre acontece, você verá coisas que nem eu mesma sei que estão ali.

Um abraço da

Fernanda Lopes de Almeida.



(C) 2002 Microsoft Corporation. Todos os direitos reservados. [TERMOS DE USO](#) [Política de Priv](#)

From: faria@hotmail.com
To: sreish@gbl.com.br
Subject: De Elizabeth para Fernanda Lopes de Almeida
Date: Wed, 09, MAI 2001 23:41

Olá, Sra. Fernanda.

Lembra-se de mim? Sou a aluna do prof. Ezequiel.

Gostaria mais uma vez de agradecer pela sua atenção e saiba que para mim é um prazer poder falar sempre com a senhora.

Como disse meu trabalho ainda está no começo, mas já tenho algumas reflexões sobre o que pretendo fazer e a medida que vamos caminhando o trabalho vai tomando forma. Espero que fique bom, se depender de vontade, com certeza vai. Bem, de início o que preciso é de uma lista completa dos títulos que a senhora tem publicado.

O que consegui através do site da editora ática foi os títulos que ela publica. Existe mais algum em outra editora? Já comprei "a margarida friorenta", "o equilibrista" e "Pinote, o fracote. Janjão, o fortão.", da coleção Passa Anel. E "a fada que tinha idéias".

Ainda estou me decidindo quais títulos irei usar, primeiro preciso fazer um levantamento das obras. Neste sentido, se puder me ajudar...

Ah, Claro! Se tiver alguma sugestão, por favor diga. Estou ansiosa e com vontade de ver o trabalho "crescendo"..., mas também sei que tudo tem seu tempo, não é?

Aguardo sua resposta e mais uma vez agradeço. (também ao seu marido por tornar possível nossa conversa "virtual" disponibilizando seu e-mail).

Até mais.

Beth



De : "Sergio Relsch" <sreisch@gbl.com.br>
Para : <faria@hotmail.com>
Assunto : resposta-fernada lopes de almeida
Data : Thu, 10 May 2001 22:55:36 -0300

Cara Elizabeth:

Claro que me lembro de você. Pode ficar bem à vontade para me perguntar o que quiser.

Meus títulos são:

Série Clara Luz

- **Soprinho** - (é o meu livro mais longo e, tanto pela forma, como pelo tema, considero leitura para crianças acima de 9 anos. A menos que haja um adulto para ler junto, motivar, relembrar o que aconteceu em capítulos anteriores).

- A fada que tinha idéias - (que você já tem).

Série Passa-Anel

- A curiosidade premiada
- Gato que pulava em sapato
- O equilibrista
- Pinote, o fracote e Janjão, o fortão
- A margarida friorenta
- As mentiras de Paulinho
- A princesa dos cabelos azuis e o horroroso homem dos pântanos

Coleção Olho Vivo

- Luciana na janela
- Luciana na pracinha
- Luciana em casa da vovó
- Luciana e a bolsinha nova

(Esta coleção, que se propunha a registrar diversos flagrantes da vida da criança, acabou parando no quarto livro, então não se percebe onde eu queria chegar. O painel não se completou. Minha intenção era criar historinhas bem simples para os pais lerem alto para a criança pequena - tipo "a história da hora de dormir". Saiu que servem também para a criança que está sendo alfabetizada, mas não foram criadas com essa intenção).

Não sei se o seu trabalho será sobre a minha obra toda ou sobre um dos livros, que você ainda esteja escolhendo. Sabedora do tema exato, poderei dar mais informações.

Sobre livros em outras editoras: de uma série que escrevi recentemente, inspirada no fabulário universal, publiquei o primeiro livro na Projeto. Chama-se "Três contos de muito ouro".

Quanto a sugestões, prefiro não dá-las, porque gosto muito de saber como os outros sentem o que faço. Estou curiosa a respeito da sua visão.

Um abraço e...vá em frente.

From: faria@hotmail.com
To: sreish@gbl.com.br
Subject: Para Fernanda Lopes
Date: Fri, 03, AUG 2001 23:06

Olá, Fernanda, como vai ?

Sou a aluna do prof. Ezequiel Theodoro da Silva que vai trabalhar com seus livros. Bem, meu trabalho está andando bem devagar, mas caminhando.

Desculpe esse tempo que fiquei sem dar notícias, mas estava com muitos compromissos com a escola (sabia que sou professora de uma turma de Quarta série?) e também com a faculdade.

Na semana passada eu participei do 13º COLE (Congresso de Leitura do Brasil), que ocorreu aqui em Campinas, na Unicamp, e achei bárbaro. Tive a honra de conhecer a profa. Elizabeth Serra, da FNLIJ, a escritora Nilma G. Lacerda, que é um encanto de pessoa. E escritores fascinantes como o Sr. Elias José e Bartolomeu Campos Queirós. Foi uma semana em que refleti muito sobre o meu trabalho e encontrei mais vontade de viajar pela literatura infantil brasileira.

Num e-mail anterior a senhora me disse que os livros da Coleção Olho Vivo - Ática, pretendiam ser um relato de fatos cotidianos, pequenas histórias para serem lidas para crianças pequenas. Mas disse também, que a coleção não atingiu essa meta e parou no quarto livro, servindo assim também para crianças que estão iniciando a alfabetização.

Estou certa ? Pois então, eu me concentrei em ler, até o momento, 4 livros da Coleção Passa Anel tentando identificar neles como as personagens dialogam com o leitor, e transmitem mensagens sobre sentimentos, valores, etc.. Isso, do ponto de vista conceitual, ainda está confuso para mim, o que acredito que será melhor compreendido com as próximas leituras programadas.

Mas gostaria, agora, de saber se a Coleção Passa Anel teve um objetivo aos ser criada, tal qual teve a Olho Vivo, ou seja, a senhora deu alguma atenção especial aos livros que a compõe ? Gostaria que falasse um pouco sobre esta coleção.

Neste momento, estou fazendo uma pequena incursão teórica sobre personagem literária e logo estarei de volta, um pouco mais segura, para falarmos mais sobre esses seres dos quais estou tentando tornar-me amiga. Acho que já fui encantada pela Clara Luz, me identifiquei muito com a Margarida, adorei conhecer Pinote (ele é muito esperto, não?) e parece que sou um pouco como Glorinha: curiosa!

Bem, espero seu comentário e logo mais nos falamos. E mais uma vez: obrigada por tudo!

Beth

**Hotmail**[®] faria@hotmail.com[Caixa de entrada](#) | [Página anterior](#)

De : "singular" <sreisch@gbl.com.br>
Para : <faria@hotmail.com>
Assunto : resposta
Data : Sun, 12 Aug 2001 21:14:08 -0300

Beth, tudo bem? Desculpe a demora, mas aqui vai a informação pedida: não, a Passa-Anel não teve um objetivo como coleção. Cada livro dela é autônomo. Se vc reparar, notará que o clima de "O Equilibrista" (filosófico) é muito diferente de "Gato que pulava em sapato" (bem mais infantil) ou de "A princesa dos cabelos azuis..." (meio-surrealista). E assim por diante.

Quanto à "Olho-Vivo", ela parou no quarto livro não porque não atingisse a meta. Atingiu: os quatro são flashes da vida da criança ainda pequena, tal como era a minha meta. O que houve foi que, por várias circunstâncias, não foi possível acrescentar outros títulos, tal como eu queria: "Luciana ganha uma bicicleta", "O aniversário de Luciana", etc... Não cheguei a escrevê-los, ficaram no projeto.

E quanto a serem usados no processo de alfabetização, isso não se deu pelo fato da coleção ter parado no quarto livro. Os professores é que acharam que serviam também para essa finalidade.

Qualquer outro esclarecimento pode escrever à vontade. Sucesso nas tuas múltiplas atividades.

Grande abraço...Fernanda*



(C) 2002 Microsoft Corporation. Todos os direitos reservados. [TERMOS DE USO](#) [Política de Priv](#)

From: faria@hotmail.com
To: sreish@gbl.com.br
Subject: Para Fernanda - MAIS QUESTÕES...
Date: Tue 14, AUG 2001 22:32

Oi, Fernanda.

Recebi sua resposta e fiquei muito feliz, acredito que agora estou reunindo informações para pensar melhor sobre seus livros.

Obrigada mais uma vez.

Bem, eu tenho mesmo mais algumas perguntinhas... Acho que vou tirando minhas dúvidas aos poucos, pois penso que dessa forma nossa "conversa" pode ser mais detalhada. Tudo bem? Podemos continuar assim? Estou enviando mais três questões:

1) SEGUNDO UMA NOTA PUBLICADA PELA EDITORA ÁTICA A SENHORA COMEÇOU

> ESCRREVENDO PARA ADULTOS: ALGUNS CONTOS. APÓS UM TEMPO DE EXPERIÊNCIA

> CLÍNICA É QUE COMEÇOU ESCREVER PARA CRIANÇAS. PERGUNTO: HÁ DIFERENÇA ENTRE ESCREVER PARA CRIANÇAS E ESCREVER PARA ADULTOS ?

> 2) FERNANDA, É SABIDO QUE A SENHORA SE DEDICOU A MAIS DE 18 ANOS DE

> PSICOLOGIA CLÍNICA, NUM TRABALHO COM CRIANÇAS E PAIS. GOSTARIA DE SABER ATÉ QUE PONTO ESSE TRABALHO CONTRIBUÍU PARA A ELABORAÇÃO DE SUAS OBRAS. OU SEJA, COMO É ESSE INTERCÂMBIO ENTRE A PSICÓLOGA FERNANDA E A ESCRITORA FERNANDA ?

> 3) PUDE OBSERVAR, NUMA PRIMEIRA LEITURA DE ALGUMAS DE SUAS OBRAS (AS DA COLEÇÃO PASSA ANEL), QUE AS PERSONAGENS PROCURAM SEMPRE DEIXAR UMA MENSAGEM. ESTOU CERTA? POIS BEM, GOSTARIA QUE A SENHORA FALASSE UM POUCO SOBRE COMO É CONSTRUIR UMA PERSONAGEM, COMPOR UM ENREDO, UMA TRAMA, APRESENTAR UM CENÁRIO...

Por enquanto é só. Até mais.

Um abraço, Beth



Hotmail® faria@hotmail.com

[Caixa de entrada](#) | [Página anterior](#)

De : "singular" <sreisch@gbl.com.br>
Para : <faria@hotmail.com>
Assunto : En: resposta-fernanda
Data : Fri, 14 Sep 2001 22:27:38 -0300

----- Original Message -----

From: singular
To: Ezequiel ZAZ
Sent: Friday, September 14, 2001 10:25 PM
Subject: resposta-fernanda

Caros Elizabeth e Ezequiel...

Pela via das dúvidas, desta vez vou mandar a resposta para os dois.

Respondendo, uma a uma, às questões:

1) Não comecei escrevendo apenas uns poucos contos. Escrevi muitos contos e crônicas, que foram publicados em jornais e revistas e, alguns deles, premiados em concursos literários. Só depois de muitos anos é que comecei a escrever para crianças. Não foi a experiência clínica que me levou a isso, mas a experiência humana de um modo geral. Toda a minha vida estive envolvida com crianças e não só profissionalmente. Era natural que, sendo escritora, acabasse por escrever para elas. A meu ver, há diferença entre escrever para crianças e para adultos, sim. Acontece de um livro para adultos interessar também às crianças, mas trata-se de caso isolado. De um modo geral, a linguagem é bem diferente.

2) Trabalhei como psicóloga 24 anos e não 18. Certamente que esse trabalho contribuiu para a elaboração dos meus livros, mas como tudo o mais que fiz na vida. Quando criamos, tudo o que somos e tudo o que já vivemos, está sempre presente, conscientemente ou não. Quanto ao intercâmbio entre a psicóloga e a escritora, ambas são aspectos da pessoa que sou. E é essa pessoa que escreve.

3) Não, creio que não está certa, Elizabeth. O que se tenta passar não é uma mensagem, mas um conjunto de valores e vivências, que cada leitor assimilará a seu modo. Não é raro um leitor, adulto ou criança, descobrir sentidos que surpreendem o próprio escritor. Sempre digo que cada leitor é um colaborador. Não há uma "mensagem" única e estrita.

Sobre como construir um personagem, compor um enredo, apresentar um cenário, só posso lhe dizer que tudo isso é um mistério para mim também. Falar a respeito seria falar sobre o mistério da criação. Acho que o bonito é justamente esse milagre, essa ausência de receita.

Para terminar, sugiro que você não procure encontrar regras, porque elas não existem, ou, pelo menos, eu não as tenho. Cada história surge na minha imaginação de uma maneira diferente da outra. Procure mais as suas respostas pessoais, o que sentiu, o que achou, o que pensou. Não tenha medo de pôr para fora as suas idéias. Se você gostou dos livros a ponto de escolhê-los para tema do seu trabalho, é sinal de que sentiu várias coisas a respeito deles. Exprima esses sentimentos e verá que o trabalho sairá vivo e original.

Mas se, de qualquer maneira, ainda tiver perguntas a me fazer, estarei pronta a respondê-las. Grande abraço.

Fernanda Lopes de Almeida...



(C) 2002 Microsoft Corporation. Todos os direitos reservados. [TERMOS DE USO](#) [Política de Priv](#)

From: faria@hotmail.com
To: sreish@gbl.com.br
Subject: Para senhora Fernanda Lopes de Almeida
Date: Mon 05 NOV 2001 16:30

Olá, Sra. Fernanda. Como vai?

Espero que muito bem. Gostaria, mais uma vez, agradecer sua colaboração. Ela foi fundamental para a elaboração do trabalho.

Peço desculpas por ter demorado a escrever novamente, mas é que os preparativos para o final da monografia estão tomando boa parte de meu tempo. Agora já estou finalizando a escrita e cuidando dos detalhes. Logo que terminar envio uma cópia a senhora para que possa compartilhar de minhas sensações, e das crianças, diante alguns de seus livros.

Até mais.

Abraços

Beth

ANEXO III

FICHA DE DADOS PARA ANÁLISE	Nº 01
IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DE PERSONAGENS	
LIVRO: A MARGARIDA FRIORENTA	
AUTOR: FERNANDA LOPES DE ALMEIDA	
A) PERSONAGEM CENTRAL:	
<p>MARGARIDA: é uma flor muito sensível que mora no jardim de Ana Maria, e que certa noite não estava nada bem, mas não deixava claro para seus amigos o motivo.</p>	
B) PERSONAGENS SECUNDÁRIAS:	
<p>☆ BORBOLETA AZUL: amiga de Ana Maria que se dispôs a ajudar a Margarida. A borboleta era muito esperta pois percebeu logo que a Margarida não estava bem e tratou de buscar ajuda.</p> <p>☆ Ana Maria: amiga de Margarida que ciente do problema de Margarida buscou várias soluções para ele. Junto com a Borboleta e o cachorro Moleque tentou entender o motivo do frio de Margarida, demonstrando também muita esperteza.</p> <p>☆ Cachorro Moleque: cachorro muito inteligente, que ajudou a Borboleta Azul a levar a Margarida para o quarto de Ana Maria.</p> <p>☆ Incidência maior de personagens femininas.</p>	
☺ TIPO DE NARRADOR: 3 pessoa	
C) CONDUTOR DA AÇÃO NARRATIVA:	
<p>☆ É o sentimento de "frio" expresso por Margarida, que desperta em seus amigos o sentimento de solidariedade e uma possível solução para o fim desse "frio".</p>	
D) VALORES / SENTIMENTOS	
<p>☆ Amizade de Ana Maria, da Borboleta e do cachorro Moleque com a Margarida: todos querem ajudá-la.</p> <p>☆ Solidariedade a quem precisa;</p> <p>☆ Perspicácia de Ana Maria em perceber que o frio da Margarida não era físico, mas sim um frio na alma, carência, solidão, o que teve uma solução muito simples: carinho. ("No dia seguinte Ana Maria disse para a Borboleta Azul: - Sabe, Borboleta? O frio da Margarida não era frio de casaco, não!")</p>	
OBSERVAÇÕES:	
<p>☆ O frio de margarida foi, primeiro entendido como físico, e as primeiras soluções propostas por Ana Maria giravam em torno disso. Mas Ana Maria percebeu que o frio da margarida não era devido à noite escura, mas sim a uma solidão que ela sentia, e na verdade o que ela precisava era de carinho, afeto.</p> <p>☆ Indicado para crianças a partir de 6 anos.</p>	

FICHA DE DADOS PARA ANÁLISE	Nº 02
<i>IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DE PERSONAGENS</i>	
LIVRO: GATO QUE PULAVA EM SAPATO.	
AUTOR: FERNANDA LOPES DE ALMEIDA.	
A) PERSONAGEM CENTRAL:	
☆ Mimi: “era um gatinho muito querido. Dormia numa linda cesta. Tinha uma coleção de laços coloridos.” E aprendeu coisas muito importantes para sua vida	
B) PERSONAGENS SECUNDÁRIAS:	
☆ Dona de Mimi: pessoa muito preocupada com Mimi, tanto que o proibia de subir em telhados com medo que se machucasse.	
☺ TIPO DE NARRADOR: 3ª pessoa.	
C) CONDUTOR DA AÇÃO NARRATIVA:	
☆ A vontade de Mimi subir em telhados e conhecer um mundo diferente do seu é o que conduz a ação.	
D) VALORES / SENTIMENTOS	
<ul style="list-style-type: none"> ☆ A vaidade de Mimi, bem explicitada por possuir uma coleção de laços, por tomar leite num pires cor-de-rosa. ☆ Aflição da Dona em não querer que Mimi fosse ao telhado (proteção exagerada). ☆ Amadurecimento de Mimi em perceber que precisava aprender mais para ser feliz e garantir sua segurança (ser um gato de verdade). ☆ Perseverança em investir nas tentativas de aprender. Coragem de tentar. 	
OBSERVAÇÕES:	
<ul style="list-style-type: none"> ☆ Mimi é uma personagem que representa claramente a criança e vive situações muito comuns no dia-a-dia. ☆ Indicado para crianças a partir de 4 anos. 	

FICHA DE DADOS PARA ANÁLISE		Nº 03
IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DE PERSONAGENS		
LIVRO: PINOTE, O FRACOTE E JANJÃO, O FORTÃO.		
AUTOR: FERNANDA LOPES DE ALMEIDA.		
A) PERSONAGEM CENTRAL:		
<ul style="list-style-type: none"> ☆ PINOTE: "(...) era o menino mais fraquinho da turma", mas também muito esperto que não usava o poder da força física para se impor e sim o poder do pensamento. ☆ JANJÃO: O menino mais forte da turma que gostava de mandar nos amigos e se divertir com isso. Era pela força física que coagia seus colegas. 		
B) PERSONAGENS SECUNDÁRIAS:		
<ul style="list-style-type: none"> ☆ Os três meninos da turma: submissos a Janjão, faziam o que ele queria mesmo achando que estavam errados. ☆ Veludo: cachorro que sofreu com as brincadeiras de mal gosto de Janjão. ☆ O galo e sua família: também se revoltaram contra Janjão e a turma, bem como Juju. ☆ Maior incidência de personagens masculinas. 		
☺ TIPO DE NARRADOR: 3ª pessoa		
C) CONDUTOR DA AÇÃO NARRATIVA:		
<ul style="list-style-type: none"> ☆ O que conduz a ação é o temperamento abusado e manipulador de Janjão, que quer se divertir às custas dos colegas. ("Janjão, como sempre, aproveitou para abusar.", 		
D) VALORES / SENTIMENTOS		
<ul style="list-style-type: none"> ☆ Falta de respeito de Janjão com os amigos, por usar sua força física para coagi-los. ☆ Submissão dos meninos da turma às ordens de Janjão, mesmo o achando errado. ☆ Autenticidade de Pinote em não ceder aos caprichos de Janjão, e esperteza em mostrar o poder/valor do pensamento. ☆ Lealdade da turma com Janjão, quando este passa "mal". 		
OBSERVAÇÕES:		
<ul style="list-style-type: none"> ☆ Janjão - valor para força física, egoísmo. ☆ Pinote - valor para o pensamento, ☆ Indicado para crianças a partir de 4 anos. 		

ANEXO IV

Quinta-feira, 23 de Agosto de 2001

TRANSCRIÇÃO DOS COMENTÁRIOS DAS CRIANÇAS DE QUARTA SÉRIE -
A MARGARIDA FRIORENTA.

O presente registro refere-se a uma conversa informal com crianças de uma 4ª série, de uma escola particular do interior de São Paulo, sobre o livro "A Margarida Friorenta". A conversa teve o objetivo de observar as reações das crianças sobre a idéia que o livro traz. Como se trata de crianças de 10 anos, não foi programada uma atividade de leitura. Foi perguntado às crianças se conheciam o livro, como nenhuma conhecia, o próximo passo foi apresentar o título do livro e perguntar o que este sugeria. Depois as crianças foram convidadas a darem suas opiniões sobre a história. O que está em "itálico" é minha fala.:

—O que nos diz o título sobre a história?

G.: —Que é uma flor que tem frio...

J.: —Se ela tem frio ela pode se esconder debaixo da terra.

R. M.: —A margarida que tem frio.

—Vocês querem conhecer a história da Margarida Friorenta?

Todos: —harrã! Sim. Queremos.

—Então vou contar...(a história foi contada mostrando-se as figuras)

Quando a Borboleta Azul diz, ao final, que havia entendido o motivo do frio da Margarida...

G.: —Também entendi...

R. N.: —Ela ficou com medo...

—Medo?...

G.: —Não, ela 'tava precisando de carinho, porque passou com um beijinho...

—Que tipo de frio era o da Margarida?

D.: —Ela 'tava se sentindo sozinha.

L.: —Frio de amor.

—E aí, o que vocês acham da atitude da Ana Maria?...

G.: —Eu acho que ela foi boa, porque... se a margarida ficasse no jardim ela ia morrer.

J.: —Ah, ela ia morrer por falta de carinho... de solidão. A Ana Maria ensina qualquer pessoa a ter amor aos outros.

A. —Foi muito legal, porque a Margarida estava triste e ela deu amor para ela.

—*E a Borboleta?*

D.: —Ah, ela parou só pra ajudar a margarida, se não ela ia morrer.

—*Para crianças de que idade vocês acham que esse livro deveria ser indicado?*

G.: —Para qualquer idade...A idade não importa...

J.: —Todas.

R. N.: —Desde que a pessoa goste...

G.: —Ela ensina a gente.

R. N.: —É meio esquisita porque a borboleta e a margarida falam, aí... é estranho...

D.: —Até 10 anos.

Quinta-feira, 30 de Agosto de 2001

TRANSCRIÇÃO DOS COMENTÁRIOS DAS CRIANÇAS DO INFANTIL 3
(5 ANOS) – A MARGARIDA FRIORENTA.

A leitura com as crianças de 5 anos foi bem diferente da que fiz com as de 10 anos. As crianças expressaram bem menos suas impressões sobre o "frio" da Margarida, talvez pelo fato de eu não ser a professora deles e por isso não deixá-los tão à vontade para falar.

A leitura foi feita na hora da roda, a primeira coisa a ser feita foi mostrar o livro para eles, deixei que pegassem o livro e examinassem a capa, as figuras... Quando souberam que eu leria uma história todos queriam se sentar bem perto de mim para ver as figuras e ouvir melhor. Como o grupo não era muito grande (13 crianças), organizei-os na roda de modo que todos pudessem ver o livro e a mim. Comecei a ler a história e os primeiros comentários foram:

—*"Olha a Margarida!", "Que linda", "É uma flor"...*¹⁷

Durante a leitura, as crianças ficaram incrivelmente quietas e atentas às minhas expressões, e às figuras que ia mostrando. Quando, na leitura, a Margarida tremia de frio algumas crianças expressavam na face um sentimento de compaixão, pena. Era como se elas também estivessem com frio. E a primeira impressão do frio da margarida, foi realmente de um frio por ausência de calor. Um menino chegou a dizer apontando para a figura:

—*"Olha o vento da noite!"*

A Borboleta azul causou admiração. Algumas crianças se admiraram com sua beleza. Já o Cachorro Moleque foi mais simpático e conquistou as crianças ao levar a Margarida para o quarto da Ana Maria:

—*"Ele é bem esperto", "Que cachorro legal"*

Na hora em que a Ana Maria diz saber o que acontecia com a Margarida, uma menina diz:

—*"Ela pode estar tremendo de frio ou de medo, né Beth?"*

Fiz uma expressão de dúvida e disse:

—*"Vamos ver o que é?"*

E quando a Ana Maria beija a Margarida e esta pára de tremer, as crianças expressam alegria, como se aprovassem a atitude de Ana Maria.

¹⁷ As falas das crianças estão todas em itálico.

Ao fim da história perguntei se eles haviam gostado. Disseram-me que sim. Quando perguntei sobre o frio da Margarida:

—*"E então, o que a margarida sentia?, um menino respondeu:*

—*"Frio de carinho", outra aluna falou:*

—*"Ela queria um beijo"*

Logo em seguida me perguntaram se poderiam desenhar sobre a história, eu disse que sim, mas que gostaria que eles desenhassem o que mais tinham gostado da história. Alguns aceitaram outros voltaram a perguntar se poderiam desenhar qualquer coisa sobre a história. Eu disse que sim, afinal o que me interessava era que eles expressassem algo sobre o que tinham acabado de ouvir. Enquanto eu recebia os desenhos, eu pedia para que as crianças falassem um pouco sobre o eles ou a história, agora individualmente. Alguns falaram mais um pouco, outros não quiseram mais falar, outros ainda diziam que não sabiam. Os comentários sobre cada desenho foram registrados atrás de cada um.

NOTAS: Pude perceber que além do conteúdo da história a ser contada é também muito importante a forma como o contador de história a conta: suas expressões e até suas opiniões. As crianças estavam muito atentas a mim e a tudo o que eu fazia com o livro

Segunda-feira, 24 de setembro de 2001

TRANSCRIÇÃO DOS COMENTÁRIOS DAS CRIANÇAS DO INFANTIL 3
(5 ANOS) –GATO QUE PULAVA EM SAPATO

A leitura de “Gato que pulava em sapato” foi feita num contexto bem diferente que a leitura de “A margarida friorenta”. Dessa vez a professora da sala estava presente e eu somente colhi os dados, não me envolvi na atividade. Pensei que desta forma as crianças se soltariam mais. Novamente, a leitura foi feita na hora da roda e, o entusiasmo e o ritual da leitura foram os mesmos da outra vez.

Durante a leitura surgiram alguns comentários como:

— “*Ele é um gatinho bem ‘pequinininho’!*”

Surpreenderam-se quando lhes contaram que Mimi usava laços e tinha uma coleção deles. Sobre tomar leite num pires cor-de-rosa:

— “*Ai que delícia!*”, exclamou uma menina.

Novamente as crianças ficaram bem atentas à leitura. Mas a professora ia parando e lembrando a última parte da história lida e nesses momentos as crianças aproveitavam para fazer seus comentários:

professora: — “*O que Mimi gostava de fazer?*”

resposta (quase sempre em conjunto): — “*Pular em sapatos...*”

professora: — “*subir em cima de onde?*”

resposta.: — “*Do telhado.*”

professora: — “*E a Doma o que falava?*”

resposta.: — “*Não subir...*”

professora: — “*porque não deixava ele subir?*”

resposta: — “*para não sujar*”

professora; — “*O que mais?*”

resposta: — “**desarrumava o laçinho.**”

Mostrando a figura de como Mimi ficou por ter sido proibido de ir ao telhado pela dona, a professora pergunta:

— “*Como ficou Mimi com essa notícia?*”

resposta: — “*bravo*”

professora: — *“Por que?”*

resposta: — *“Porque ele não gostou de pular no sapato”*, um menino interrompeu:

— *“Não, porque não era igual o telhado.”*

Quando a professora falou que Mimi tinha muitas saudades e mesmo proibido voltava ao telhado, algumas crianças se espantaram:

— *“Nossa!!”*

Logo ficaram sabendo que Mimi havia caído do telhado e uma menina pergunta:

— *“Quebrou a patinha dele?”*

professora: — *“O que vocês acham?”*

resposta: — *“Que quebrou a patinha dele..”*

professora: — *“Mas como vocês sabem?”*

resposta: — *“Porque sim.”*

professora: — *“Porque sim ...?”*

resposta; — *“Não é resposta.”*

professora: — *“Quando chove como fica o telhado?”*, um menino a interrompeu e disse:

— *“Fica liso, e ele caiu e quebrou a cabeça...”*

professora: — *“Onde será que ele caiu?”*

resposta: — *“Na grama...”*

A professora contou-lhes que a dona foi acudir Mimi e exclamou: *“Que desgraça....”*, uma menina virou e disse:

— *“Acho que alguém pisou na cabeça dele.”*, e professora provocou:

— *“Mas alguém pisou no gato?”*

resposta: — *“Não, ele quebrou a pata.”*

Bem, a história continuou e a professora pergunta qual foi a reação da dona quando Mimi diz a ela que iria começar a subir no telhado todos os dias para praticar.

A resposta foi dada em coro:

— *“Ela ficou brava.”*

Ao final, quando a dona diz que Mimi é um ótimo gato “subidor” de telhados e que não cai, um menino voltou-se para a professora e perguntou:

— *“Por que ele não cai?”*, a professora retribuiu a pergunta para a turma. A resposta foi dada por uma menina:

— *“Porque ele aprendeu a lição.”*

professora: — *“Que lição que ele aprendeu?”*

resposta: — *“De subir no telhado...”*, outro aluninho ajudou:

— *“É que ele foi trinando, treinando, treinando, até aprender. Igual eu. Eu tenho uma bicicleta que tem rodinha, e meu pai tirou, ele pôs uma rodinha meio estreita. E agora eu estou aprendendo a andar sem rodinha.”* - a professora pergunta porque ele está aprendendo, e ele responde que é porque está treinando.

Agora a professora orienta a conversa com as perguntas que eu havia pedido a ela que fizesse, se fosse possível:

— *“E então, como vocês acham que Mimi se sentiu quando sua dona pediu para ele não ir ao telhado?”*

resposta: — *“Ficou triste.”*, *“E também zangado”*, completou outro aluno.

professora: — *“Vocês acham que era realmente perigoso para Mimi subir no telhado?”*

resposta: — *“Acho que se ele cair, ele se arrebentava inteiro, igual eu que quebrei aqui (mostrando o joelho) e tive que dar ponto, e doeu.”*

professora: — *“Então é perigoso?”*

resposta novamente em coro: — *“É.”* - e o mesmo aluno que contou de quando havia caído e se machucado, acrescentou:

— *“E também se ele cair assim, ele pode quebrar a patinha, e quebrar a cabeça, e rasgar a cabeça...”*, nesse momento a professora pergunta:

— *“Então, o que Mimi aprendeu?”*

resposta: — *“A lição.”*

professora: — *“Que lição?”*, um menino responde.

— *“Ir treinando, treinando, até aprender.”*

professora: — *“Aprender o que?”*

resposta: — *“Aprender a subir em cima do telhado.”*

Quinta-feira, 27 de Setembro de 2001.

TRANSCRIÇÃO DOS COMENTÁRIOS DAS CRIANÇAS DE QUARTA SÉRIE
(10 ANOS) – PINOTE, O FRACOTE E JANJÃO O FORTÃO.

Novamente coloquei a meus alunos o desejo de que eles me auxiliassem na pesquisa tecendo comentários sobre mais uma das histórias de Fernanda Lopes de Almeida. A conversa foi feita num clima de informalidade e as crianças se mostraram muito contentes em poder me ajudar outra vez. Como da outra vez, ninguém conhecia a história de Janjão e Pinote e a escolha desta leitura foi planejada (o que não aconteceu das outras vezes) com a finalidade de promover uma discussão entre os alunos, a partir das atitudes tomadas pelas personagens centrais da história. Considero esse conflitos normais dentro do grupo e pensei que a leitura desta história poderia suscitar uma boa discussão entre os alunos.

Coloquei o nome do livro no quadro e perguntei o que o título poderia nos dizer da história. O primeiro comentário foi de que Pinote era fraco e Janjão forte. Eu os provoquei: “*Só isso?*”, e então um aluno disse:

G.: — “*Ah, não importa ser forte ou não, o que importa é a sabedoria!*” - Eu respondi:

— “*Será? Vamos descobrir o que aconteceu? Querem que eu leia a história?*”:

RN: — “*Yes*” – respondeu brincando um dos alunos e os outros concordaram com um gesto de cabeça. Enquanto eu lia a história e contava como Janjão tratava seus amigos surgiram comentários como:

RN: — “*Nossa!!*”

G.: — “*Ele pegou pelo pescoço?!!!*”

Quando contei sobre o que Janjão fizera com a galinha e o galo reagiu àquela atitude, as crianças riram de Janjão e apoiaram o galo. Demonstraram isso através de risos e comentários como: “*Olha o que ele fez!*”, “*Rasteira que nada ele quase*

enforcou o galo". Certo momento da leitura, quando Janjão já tinha mostrado como gostava de tratar seus amigos...

G.: — *"Ele era egoísta, só queria as coisas para ele"*. — Isto foi dito sem que eu perguntasse nada. Algumas crianças acompanhavam a leitura em silêncio. Tal discussão, que eu pensei que aconteceria, ficou por conta de alguns comentários. As crianças tentaram fazer algumas comparações com atitudes de alguns alunos da turma, mas desistiram. Aqueles que às vezes tomam atitudes de Janjão ficaram mudos literalmente. Outros alunos riam das travessuras de Janjão sem recriminá-lo totalmente, era como se achassem o que Janjão fazia engraçado.

No momento em que Janjão ordenou a seus amigos que rissem de sua piadas sem graça:

G.: — *"Eu não iria rir"*

RN: — *"Eu ia rir sim..."*

Ao final da história pedi ao alunos que falassem um pouco sobre o Janjão:

RN: — *"Ele era mandão."*

G.: — *"Querida tudo para ele e um dia ele recebeu o que não queria"* - perguntei o quê: - *"Ele não queira ser mandado."*

Ga.: — *"Ele não queira sofrer o que ele estava fazendo."*

D.: — *"Achei que ele queria dá um de metido, e acho que não está certo"*- interessante pois esse aluno, na força física não é Janjão, mas gosta muito de provocar os colegas para que façam sempre sua vontade ou para que o respeitem. Durante a conversa ele permaneceu muito quieto apenas falando quando eu insistia muito. Enquanto alguns alunos falavam, ele começou a falar com voz "fininha", como se fosse personagem da história, o Janjão, dizendo de forma feliz:

— *"Eu sou demais, eu sou demais..."*

Perguntei, então, qual era a principal diferença entre Pinote e Janjão:

RN: — *"Pinote era inteligente..."*

J.: — *"Pinote estava certo porque ele não usou a sua força para convencer Janjão de ele estava errado, ele só falou e mais nada."*

G.: — *"Pinote era mais fraco e inteligente e Janjão era forte, mas burro..."*

RN: — *"Ele não era burro!..."*

Gui: — *“É ele era forte e egoísta!”* – Perguntei, depois, qual foi a “arma” de Pinote contra a arrogância de Janjão. Um aluno me disse que foi a “idéia”, que ele havia derrotado Janjão com seu pensamento, pois o seu pensamento era forte e não ele (Pinote). Ele poderia rir com a boca mas o pensamento dele não concordava com Janjão.

Dirigi a discussão para o fato de Janjão ter ficado doente e perguntei a ele o por quê isso havia acontecido:

G.: — *“Porque ele queria ser o maioral e não conseguiu ser com Pinote.”*

RN: — *“Ele se sentiu perdedor, por isso ficou doente.”*

J.: — *“Acho que ele ficou doente porque sentiu fracasso.”*

Depois dirigindo a pergunta diretamente a cada criança eu pedi a ele que dissessem o que eles achavam da atitude de Janjão:

RN: — *“Acho que ele era muito mandão e precisava sofrer mais.”*

G.: — *“Eu acho que ele deveria sofrer o que ele fez, para ver como é.”*

Ga.: — *“Deveria sofrer o que ele fez”*

Neste instante, é muito interessante que um aluno olha para mim e me pergunta:

— *“O que você faria se fosse o Pinote ?”*- Achei estranho e quis confirmar se a pergunta era realmente para mim. Quando percebi que sim disse a eles que ,por não achar o que Janjão fazia certo, eu poderia até rir com a boca se não houvesse outro jeito, mas ia procurar não mudar o meu modo de pensar só porque Janjão queria. Os alunos me ouviram com atenção e concordaram comigo. Ficaram um momento quietos, como se estivessem pensando sobre o que conversávamos. Continuei a instigá-los a falar sobre o motivo pelo qual Pinote não havia cedido aos caprichos de Janjão. Uns responderam que era porque ele não gostava de Janjão, outros disseram que era porque Pinote queria que Janjão deixasse de ser egoísta; outro comentário que surgiu foi que Pinote tinha sorrido com a boca somente para fazer a vontade de Janjão. Muito interessante a forma como eles condenaram Janjão e apoiaram Pinote, era como se eles já tivessem passado por uma situação muito parecida.

Ainda perguntei a eles se eles achavam que a autora do livro queria transmitir uma mensagem às crianças com aquela história. Eles disseram que sim. Alguns explicaram qual mensagem:

G.: — *“De não ser egoísta.”*

RN: — *“Não ser mandão só porque é forte.”*

Ga.: — *“Que na hora da dificuldade você tem que ser calmo, como Pinote fez.”*

G.: — *“De não ceder a uma pressão”.*

RM: — *“Que não adiante ser forte, que você tem que ser você mesmo. Não ser como Janjão.”*

J.: — *“Acho que é, que o importante é ver o que tem dentro da pessoa e não como ela é fisicamente.”*